



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

NAYANA PEDROSA DE AZEVEDO ALMEIDA

Notas negras sobre práticas embranquecidas: análise do discurso crítica sobre o racismo no consultório psicológico e na imagem profissional.

Recife, 31 de julho de 2024

Notas negras sobre práticas embranquecidas: análise do discurso crítica sobre o racismo no consultório psicológico e na imagem profissional

NAYANA PEDROSA DE AZEVEDO ALMEIDA

Notas negras sobre práticas embranquecidas: análise do discurso crítica sobre o racismo no consultório psicológico e na imagem profissional

Projeto de dissertação de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Nome da discente:

Nayana Pedrosa de Azevedo Almeida

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Jaileila de Araújo Menezes

Área de concentração:

Psicologia Social

Linha de Pesquisa:

Processos Psicossociais, Poder e Práticas Coletivas

Recife, 31 de julho de 2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Almeida, Nayana Pedrosa de Azevedo.
Notas negras sobre práticas embranquecidas:
análise do discurso crítica sobre o racismo no
consultório psicológico e na imagem profissional
/ Nayana Pedrosa de Azevedo Almeida. - Recife,
2024.

102f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, 2024.

Orientação: Jaileila de Araujo Menezes.

Mas iremos achar o tom
Um acorde com lindo som
E fazer com que fique bom
Outra vez o nosso cantar
E a gente vai ser feliz

Fundo de quintal – O show tem que continuar

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) pela possibilidade de desenvolver a pesquisa e pela forma como conduziram todos os problemas que dela decorreram.

À comissão de acompanhamento discente – Aline Lacerda, Karla Galvão e Wanderson Vilton – pelo compromisso que tiveram comigo, além da sensibilidade e acolhimento.

Ao coordenador do PPGpsi e professor, Jorge Lyra, por atender a minha solicitação sem deixar de expor os rebatimentos dela e, a partir disso, contribuir para a expansão da minha compreensão sobre as políticas de ações afirmativas. Agradeço-lhe também por tanto que fez por mim, ainda na graduação. Quando a minha vida ruía, a monitoria que realizei em uma de suas disciplinas foi uma forma de tentar viver. Agradeço-lhe, ainda, a leitura e as contribuições para a dissertação.

À professora Luciana Rodrigues, parceira na qualificação, pelas belas palavras, pela troca honesta de conhecimentos e indagações frente ao tema do racismo. Foi muito bom dialogar contigo. Agradeço ainda pela leitura generosa da dissertação.

Ao professor Antônio Santos pela leitura gentil da dissertação no momento da defesa. Reconfortante saber que posso encontrar pessoas cuidadosas no caminho.

Ao secretário do PPG, Werik de Lima, por ser tão ligeiro e desenrolado com as respostas dos emails e ligações.

Agradeço a Antonio, Dani, Larissa, Ludmila, Natalia e Rebeca pelas boas trocas e bons aprendizados durante as reuniões do grupo de pesquisa.

A Jaileila por me mostrar tão bem a importância de não subestimar meus sentimentos e minhas percepções.

Às amigas e aos amigos, agradeço por tudo! Sem vocês, não conseguiria. Muito obrigada!

RESUMO

O consultório psicológico é lócus privilegiado da prática clínica e a imagem de quem lá trabalha transmite um sentido. A pesquisa teve como objetivo principal compreender a dinâmica do racismo que exerce influência na imagem profissional e no consultório psicológico. Para isso, oito entrevistas semiestruturadas com profissionais autodenominadas/dos brancas/os foram realizadas e analisadas a partir da Análise do Discurso Crítica. O material decorrente das transcrições das entrevistas possibilitou entender de que maneira a localidade e o espaço físico do consultório, bem como a circulação nos estabelecimentos onde o consultório está, são atravessados pelo racismo. A escolha do bairro, por si, parece ter influência da segregação espacial que a população negra sofre na cidade. A imagem profissional, por sua vez, pode interferir na interação com os/as pacientes de um ponto de vista simbólico, já que os aspectos corpóreos que indicam brancura podem ser compreendidos como atributos de superioridade em relação aos fenótipos das pessoas negras. Considera-se que pesquisas a respeito do consultório psicológico que enfoquem outros marcadores, como gênero, ou estabeleçam análises interseccionais de raça, classe e gênero, podem contribuir para a compreensão da prática profissional, bem como estabelecer semelhanças e diferenças das práticas clínicas realizadas em outros contextos.

Palavras-chave: racismo; imagem profissional; consultório psicológico; análise de discurso crítica.

ABSTRACT

The psychological office is a privileged locus of clinical practice, and the image of those who work there conveys a meaning. The main objective of the research was to comprehend the dynamics of racism that influence the professional image and the psychological office. To this end, eight semi-structured interviews with self-identified white professionals were conducted and analyzed using Critical Discourse Analysis. The material from the interview transcripts made it possible to understand how the location and physical space of the office, as well as the circulation in the establishments where the office is located, are permeated by racism. The choice of neighborhood, in itself, seems to be influenced by the spatial segregation that the black population suffers in the city. The professional image, in turn, can interfere with the interaction with patients from a symbolic point of view, as the bodily aspects that indicate whiteness can be understood as attributes of superiority in relation to the phenotypes of black people. It is considered that research on the psychological office that focuses on other markers, such as gender, or establishes intersectional analyses of race, class, and gender can contribute to the understanding of professional practice, as well as establish similarities and differences in clinical practices conducted in other contexts.

Keywords: racism, professional image, psychological office, critical discourse analysis.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	6
2 REVISÃO DA LITERATURA, PROBLEMA E PERGUNTA DE PESQUISA	11
3 OBJETIVOS	15
3.1 OBJETIVO GERAL.....	15
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
4 METODOLOGIA	16
4.1 ESCOLHA DOS PARTICIPANTES	18
4.2 INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO DE DADOS: A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA	20
4.3 CUIDADOS ÉTICOS EM PESQUISA.....	21
4.4 DON'T TOUCH MY HAIR: ASPECTOS DE VIOLAÇÃO E TRAVESSIA ...	24
4.5 REFLEXIVIDADE EM PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	27
5 RACISMO	29
5.1 INÍCIO DO DIÁLOGO	33
5.2 IDEOLOGIAS, ESTRUTURAS E INSTITUIÇÕES.....	38
5.3 ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE AS PESSOAS BRANCAS	40
6 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA	43
6.1 INTRODUÇÃO.....	43
6.2 TEORIA SOCIAL DO DISCURSO	46
6.3 INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE	48
6.4 A PESQUISA PAUTADA PELA ADC: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	50
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO	53
7.1 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	56
7.2 DADOS DA CLIENTELA: GÊNERO, FAIXA ETÁRIA, RAÇA E RENDA ..	58
7.3 IMAGEM PROFISSIONAL	59
7.4 IMAGEM NO INSTAGRAM	60
7.5IMAGEM COMO APARÊNCIA E PREOCUPAÇÃO.....	66
7.6IMAGEM, APARÊNCIA E INTERAÇÃO	68
7.7 CONSULTÓRIO PSICOLÓGICO	74
7.8 DECORAÇÃO DO CONSULTÓRIO E CIRCULAÇÃO NOS ESPAÇOS	79
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
9 REFERÊNCIAS	88

1 APRESENTAÇÃO

‘(...) escrito, imperfeiçoa-se; por isso o escrevo.’ Fernando Pessoa

Estava na terapia e não lembro bem se contei ou apenas pensei em contar a psicóloga sobre a preocupação com o meu cabelo quando estivesse atendendo no consultório. Quando me formei em Psicologia, em 2012, não tinha pretensão de atuar em consultório por achar uma prática de classe média, embora não soubesse bem o que isso significava à época.

Desde criança, minha mãe preocupava-se em torná-lo bonito e, para isso, eu tinha que sofrer antes de ir à escola com os pentes e a necessidade de não o deixá-lo volumoso, com as perguntas das pessoas sobre mim e meu cabelo; mas sofria principalmente porque queria que o meu cabelo fosse liso. No começo da adolescência, alisei a raiz para reduzir o volume. Como detestei o resultado e não gostava de cuidar do cabelo, passei boa parte da adolescência e juventude com o cabelo preso. Em 2011, decidi parar de alisar a raiz e deixar cacheado.

As preocupações, as dores e os sofrimentos com o meu cabelo têm uma importância na pesquisa, pois são a partir deles que experienciei a minha negritude. Foram em lugares de classe média em que ocorreram as principais demonstrações de discriminação racial. Os gestos, olhares, falas influenciaram tanto na minha construção psíquica quanto na forma que me apresento às outras pessoas. Outro aspecto que considero relevante para a elaboração da pesquisa é a minha vontade de investigar a influência do racismo nos lugares.

A ideia popularmente difundida sobre como é o trabalho das/os psicólogas/os remete a uma cena comum no consultório: uma pessoa sentada à frente da/o psicóloga/o falando sobre os motivos que a fizeram procurar a terapia. Foi na graduação que essa imagem começou a ser explicada e o caráter social, histórico e político da ciência psicológica foi apresentado e discutido.

Quando pensava na graduação sobre a prática clínica exercida no consultório, não entendia muito bem o que queria expressar quando dizia que era algo de classe média. Talvez já tivesse uma sensação de que as práticas clínicas psicológicas, a depender do local onde são realizadas, podem evidenciar ou encobrir fenômenos complexos de uma sociedade. Depois de concluir a graduação e com vontade de atender em um consultório, me deparei com um temor – às vezes adormecido – a respeito do meu cabelo, de não estar condizente com a imagem de psicóloga a qual suponho que deva ter para clinicar em um consultório.

Não apenas da minha história particular esse estudo acadêmico se fez. A minha atuação como psicóloga em uma instituição para adolescentes em conflito com a lei, na vastidão e contradição que esse trabalho carrega, também contribuiu para a dissertação. Adolescente em conflito com a lei é um termo longo demais para se referir a adolescentes, em sua maioria absoluta, negras e negros que chegam à instituição. Chegam, segundo minha hipótese não estudada, por conta do racismo. Obviamente existem outros motivos, mas vamos nos ater ao que interessa para a pesquisa.

Em setembro de 2023, participei de um curso online com o professor e psicanalista Jorge Broide sobre a clínica psicanalítica nas situações sociais críticas. Comentou algo que achava que nós devíamos ouvir, no sentido de deslegitimar a atuação psicanalítica em contextos distintos do consultório. Ri na hora. Como a experiência de atender fora do consultório é semelhante para tanta gente? Como um espaço chamado de consultório psicológico ou psicanalítico legitima a prática clínica?

Quem diria que mudaria minha ideia sobre consultório. O efeito inesperado da mistura de supervisão, estudo e trabalho como psicóloga em uma instituição. Como tenho que me vestir e me apresentar em um consultório psicológico? Qual lugar na cidade acho interessante para ter uma sala? Das respostas possíveis, irei evidenciar aquelas que versam sobre o racismo.

Tematizar o racismo na Universidade, enquanto trabalhadora em uma instituição para adolescentes em conflito com a lei, é complicado. O sentimento de não pertencimento invade meus pensamentos. Não, não, não, não é apenas na Universidade onde me sinto em silêncio.

*'Hoje em dia tudo é cota.'*¹ disse uma pessoa quando a singela dificuldade de profissionalização das adolescentes surgiu no cotidiano da instituição onde trabalho.

Minha ideia tá clareando.
Eu fico atacado, mó neurose, o tempo tá esgotando.
Não quero admitir, meus olhos vão abrir.
Vou chorar, vou sorrir, vou me despedir.
Não quero admitir que sou mais um.

¹Referência à política de cotas raciais implementadas, inicialmente, nas Universidades Públicas com o intuito de enfrentar o racismo institucional e estrutural.

Infelizmente é assim, aqui é comum(...)
Eu tô me vendo agora e é difícil
Racionais MC's – Rapaz Comum²

Sou só mais uma negra tentando viver. Vida ruim danada que não pode fazer muita coisa quando o que dizem lhe assusta (desde criança). Não sucumbir à discriminação nos lugares e ainda viver. Não foi exatamente fácil administrar as memórias das discriminações, brincadeiras racistas durante o período da pesquisa do mestrado, principalmente, quando a minha forma de ingresso à pós-graduação ocorreu através das políticas de ações afirmativas. Um direito, às vezes, pode se emaranhar com as histórias e medos das pessoas que acessam à Universidade pelas cotas. A Universidade, por sua vez, pode ser um lugar em que novas e diferentes relações com práticas discriminatórias racistas podem ocorrer

“Teus olhos brilham quando tu falas de clínica.” disse Ludmila, trabalhadora do Sistema Único de Saúde (SUS) e doutoranda, enquanto caminhávamos por Recife após a reunião da orientação. Não recorro de ter comentado como é meu trabalho nas orientações, lembro de ter explicado a ideia de direcionar a pesquisa para aspectos discursivos, reverberando-se na focalização do consultório psicológico e da imagem profissional.

De todo modo, a observação me tirou do eixo. Então, quando apresento as minhas ideias, existe a chance de alguém notar alegria? Deixar-se reconhecer é quase como deixar as fragilidades, dúvidas, explicações que justificam o mestrado vir à tona. Ainda é arenoso transitar entre Universidade, instituição para adolescentes em conflito com a lei, leitura e estudo para a produção de conhecimento em torno do racismo, mas sempre há a possibilidade do imprevisto, a chance de alguém encontrar algo da ordem da alegria.

As justificativas de continuar o mestrado partem da possível promessa de estender o pensamento feito no trabalho para outros lugares e o inverso. Mas também, pode ser o momento e o lugar de encontrar outras pessoas para suspender as certezas, escutar outras

² Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X9ZgI54qLWo>

trabalhadoras, rememorar outras dores, criar um caminho para vir a ser (e continuar), mudar as lembranças, parar para pensar e escrever.

Porra, eu tô confuso, preciso pensar
 Me dá um tempo pra eu raciocinar
 Eu já não sei distinguir quem tá errado
 Sei lá, minha ideologia enfraqueceu
 Preto, branco, polícia, ladrão ou eu
 Quem é mais filha da puta, eu não sei!
 Racionais MC 's – Fórmula mágica da paz.³

Um trabalho de pesquisa, sendo trabalhadora e um trabalho em instituição, sendo pesquisadora, traz cansaço e faz fluir devaneios sobre o racismo, a construção de instrumentos metodológicos, organização do tempo. As dimensões racistas na instituição e no consultório são um consenso para mim. Parece que preciso mesmo de um tempo para raciocinar sobre isso.

Magalhães (2010), ao refletir sobre a Análise do Discurso Crítica (ADC) em solo latino-americano, destaca as especificidades de teorizar e analisar os discursos produzidos em locais distintos daqueles onde a ADC se iniciou. Além de uma preocupação territorial, a autora aponta para a relevância do que chama de processos sociais locais no desenvolvimento de pesquisas pautadas pela ADC.

É fundamental compreender o racismo enquanto um fenômeno singular no Brasil, mas não exclusivamente. Eu preciso também ponderar como ele se manifesta nos lugares que transito (trabalho, Universidade, consultório) para fins de análise. Daí decorre uma questão ética. Alinhada com Magalhães (2010), parto da compreensão de que:

...a consciência ética é formada na relação entre teoria e prática. Nesse sentido, toda reflexão teórica é posicionada na prática social. A ADC é instrumental no desenvolvimento da consciência ética. Um passo inicial é compreender que o discurso como prática social impõe uma determinada visão de mundo representada pelas escolhas linguístico-textuais ou semióticas sobre o leitor ou a leitora (p.21).

A ADC propõe uma função interessante para o discurso, para quem pesquisa e para os métodos de produção de material para análise. Em momento oportuno na dissertação,

³ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UrSGiQGeXW4>

esmiuçarei tais aspectos. Por enquanto, cabe mencionar a importância dos trechos elencados aqui como norteadores da pesquisa. Ao entrar em contato com alguns discursos, delimito quais são os pontos relevantes e como os relacionarei com a pergunta e o objeto de pesquisa.

O tema do racismo, via de regra, é apresentado em Psicologia⁴ como um mal a ser combatido. A pesquisa seguirá uma investigação baseada na premissa de não perpetuar o racismo na ciência e de contribuir para o seu desenraizamento das práticas psicológicas.

Dada a forma como o racismo foi moldado à realidade brasileira⁵, produziram-se ideologias, discriminações, preconceitos, desigualdades e discursos específicos na sociedade que permeiam a vida de cada pessoa individualmente e se fazem presentes em muitos lugares. No capítulo que se segue, apresento um breve histórico das interconexões entre o racismo e o campo psicológico, a pergunta de pesquisa, bem como seu problema.

⁴Tal afirmação será um pouco melhor abordada no capítulo seguinte.

⁵ O racismo será tematizado no capítulo posterior ao metodológico.

2 REVISÃO DA LITERATURA, PROBLEMA E PERGUNTA DE PESQUISA

Muitas foram as perguntas elaboradas durante o mestrado. O avanço nas leituras dos temas de interesse e a definição dos objetivos e do método geravam um questionamento às perguntas definidas a fim de verificar se ainda possuem sentido. Formular um problema, que continue preciso e coerente em meio aos questionamentos, é uma forma de estabilizar as dúvidas e guiar o caminho da pesquisa.

O tema do mestrado é o racismo, procuro pesquisar a sua influência na Psicologia em termos mais amplos e, em mais específicos, no consultório psicológico e na imagem profissional. Para iniciar o contato com as produções acadêmicas sobre consultório psicológico, realizei algumas revisões da literatura.

Inicialmente, os descritores utilizados buscavam traçar um panorama sobre as produções em Psicologia Clínica e racismo. Assim, acessei os bancos de dados SciELO e a rede latinoamericana de periódicos de Psicologia (PePSIC). Nesta, usei os descritores ‘racismo’ e ‘clínica’ e três artigos foram encontrados. Dada a baixa quantidade de artigos, busquei apenas por ‘racismo’ e cinquenta e oito artigos foram apresentados. Já no ScieELO, optei por pesquisar apenas utilizando o termo ‘racismo’ e vinte e dois artigos foram exibidos.

Após a leitura dos resumos dos artigos, comecei a delimitar quais eram os objetivos da pesquisa e optei por realizar outra revisão de literatura com descritores mais relacionados a consultório psicológico, já que o descritor “clínica” enveredavam por discussões a respeito do ato clínico. Nos diversos acessos às plataformas de buscas, não encontrei material substancial a respeito do consultório psicológico. As pesquisas acadêmicas atentam pouco ao local em que uma prática psicológica é realizada.

No Portal de Periódicos da CAPES, utilizei os descritores psicologia, consultório e consultório psicológico entre aspas para tentar filtrar a busca. Assim, digitava “psicologia consultório” e “consultório psicológico”. Dos resultados dos primeiros descritores, não foram encontrados resultados. Já na segunda busca, doze produções foram selecionadas, mas nenhuma que dialogasse com os objetivos da pesquisa.

No banco de dados SciELO, os descritores foram psicologia AND consultório e quatorze publicações foram encontradas. Consultório AND psicológico não foram encontrados resultados.

Na rede latino-americana de periódicos de Psicologia (PePSIC), preferi utilizar apenas o descritor ‘consultório’ dada a escassez das pesquisas anteriores. Foram apresentados 92 artigos, mas nenhum abordava o consultório psicológico como um elemento da prática profissional. Dos cinco artigos que continham ‘consultório’ no título, quatro faziam clara referência ao serviço do ‘consultório de rua’, equipamento da atenção básica do Sistema Único de Saúde que promove o acesso da população em situação de rua aos serviços de saúde. O artigo com consultório no título, mas que não abordava o equipamento do SUS discutia a prática psicanalítica realizada no consultório.

Por fim, busquei no acervo de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) produções sobre racismo. Encontrei sete trabalhos cujos títulos indicavam alguma problematização sobre o racismo. Porém, nenhum deles abordava o consultório em si, mas as formas de fazer clínico ou o racismo presente no campo dos estudos sobre violência.

A partir dessas revisões, procurei referências para tentar entender como o campo psicológico se debruça sobre assuntos relacionados ao racismo e a população negra. No século XIX, a Psicologia e a Ciência tratavam a população negra como um problema a ser resolvido. Nesse momento, a Psicologia ajudou a tornar as pessoas negras como objetos de investigação científica e a fundamentar a ideologia do embranquecimento presente no país até hoje. A mudança no enfoque sobre as pessoas negras ocorreu a partir da década 1930. Virginia Leone Bicudo defende sua dissertação sobre as relações étnico-raciais em 1945 e, de acordo com Santos, Schucman e Martins (2012)

conclui que existe preconceito de cor, que se manifesta à medida que o negro ascende socialmente. A rejeição por causa da cor traumatiza e faz com que o negro adquira consciência de cor, e o aumento dessa consciência eleva o esforço de superação do sentimento de inferioridade e a busca por instrução e posições de maior destaque (p.170).

Outras pesquisas desse segundo momento são realizadas pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) no início da década de 1950. A escolha pelo país dá-se graças à imagem de integração bem-sucedida entre pessoas negras e brancas. A pesquisa da UNESCO, no entanto, expõe o inverso: que o mito da democracia racial não se sustenta quando analisado.

No terceiro momento, iniciado nos anos 1990, a questão da branquitude se destaca. Ainda de acordo com Santos, Schucman e Martins (2012) “o foco deixa de ser a negritude e

passa a ser a branquitude, ou seja, a identidade étnico-racial que uma pessoa branca pode escolher ou não revelar: ‘ser branco é não ter que pensar sobre isso.’ (p.172). Um dos primeiros pontos delimitados foi a recusa em pesquisar com pessoas negras por entender que talvez possa ser doloroso para elas expor como sentem, entendem e lidam com o racismo.

A pesquisa tem algumas perguntas basilares: psicólogas e psicólogos brancos conseguem fazer associação entre o racismo e a forma como montaram o consultório, tanto no sentido prático de alugar um espaço em algum bairro da cidade quanto no sentido de pensar como o racismo se faz presente em um consultório psicológico? Como a imagem profissional é influenciada pelo racismo? Vislumbram algum nível de implicação com a pauta do racismo? Identificam como o pertencimento racial influencia no trabalho e na formação? Como o entorno da prática clínica – aqui compreendido como o espaço físico do consultório e a imagem de psicóloga que atende em consultório – é perpassado pelo racismo?

Esses são os questionamentos que surgem quando penso na pergunta norteadora da pesquisa. Das compreensões do mestrado e das conversas com outras pessoas que fazem pesquisa, a incisiva é que não haverá momento em que estarei tranquila e certa sobre a pergunta e, por consequência, dos objetivos da pesquisa. Ela vai mudar à medida que pesquiso. Mesmo assim, torna-se necessário apresentar uma pergunta para dar contorno às investigações.

Imagem profissional, espaço físico, espaço virtual, corpo, prática profissional, localização do consultório, ideologia rondam minhas reflexões sobre qual é o meu objeto de pesquisa. Quando leio sobre racismo e clínica em uma perspectiva que enfatiza o sofrimento psíquico, paraliso. Analisar as práticas embranquecidas devido à formação racial do país por meio dos dizeres e das imagens que rondam a profissionalização de psicólogas/os brancas/os é o caminho que quero traçar.

Práticas embranquecidas não são aquelas que psicólogas/os brancas/os fazem, já que pessoas negras também as desenvolvem, dada a incidência das ideologias racistas. Chamo assim todas as práticas que reduziram a compreensão sobre racismo a sua expressão discriminatória. Desse modo, faz-se mister pensar como a Psicologia, atualmente, relaciona-se com o racismo e quais são as possibilidades de dissipar as desigualdades raciais na produção de conhecimento, na prática profissional e nos espaços de trabalho.

No documento “Relações raciais: referências técnicas para a atuação de psicólogos(as)” produzido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) em 2017, consta que o trabalho de psicólogas/os deve considerar as dimensões institucionais, interpessoais e pessoais do racismo, incluindo a atuação em consultório particular. Creio que, no âmbito do exercício profissional, faz-se necessário pensar como o racismo influencia na organização do consultório e na imagem profissional.

Segundo dados do primeiro trimestre de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população negra do país é de 115.629 bilhões do total de 212.400 bilhões de habitantes. Em termos numéricos, há mais pessoas negras do que brancas no Brasil, porém, devido ao longo período de escravidão e ao racismo presente na vida coletiva, ainda persistem desigualdades raciais.

Dentre elas, está a dificuldade ao acesso aos serviços de saúde sejam públicos ou privados. Compreendendo a clínica psicológica como um cuidado em saúde, a pesquisa visa esmiuçar o racismo presente nos consultórios psicológicos. Pretende-se contribuir para o conhecimento dos entraves para realizar uma prática pautada por um empenho antirracista. Sendo assim, a pergunta da pesquisa é: como o racismo exerce influência no espaço físico do consultório psicológico e na imagem profissional? A partir dessa questão, delimitarei os objetivos, métodos, aspectos teóricos e análises. A seguir, apresento o objetivo geral e os objetivos específicos da dissertação.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como a dinâmica do racismo exerce influência na imagem profissional e no consultório psicológico.

3.2 ESPECÍFICOS

Analisar o discurso sobre imagem profissional;

Analisar o discurso sobre o consultório psicológico.

4 METODOLOGIA

O presente capítulo visa apresentar como se deu o processo metodológico. Longe de ser um amontoado de procedimentos, o conjunto de métodos escolhidos conflui para os objetivos da pesquisa com uma série de decisões, arranjos (e rearranjos), percursos e reflexões acerca da análise e dos conceitos teóricos. Torna-se um caminho a ser trilhado ainda na fase anterior à qualificação e envio do projeto ao Comitê de Ética. Decidi apresentar e discutir o método antes dos embasamentos teóricos, por compreender de maneira intuitiva e reflexiva, que a pergunta da pesquisa prima pelo método.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. De acordo com Minayo (2014), uma pesquisa qualitativa destina-se a investigar como as pessoas constroem entendimentos sobre um fenômeno relevante da vida social. Das técnicas possíveis para coleta de dados em pesquisas qualitativas, considero ser necessária a realização de entrevistas semiestruturadas. Algumas perguntas foram delimitadas previamente e outras foram realizadas no decorrer das entrevistas. Ocorreu um planejamento, mas também houve um espaço para o imprevisto e o diálogo.

Minayo (2014) alerta que o contexto precisa ser considerado no próprio momento da entrevista e na análise. O contexto que proponho é um encontro entre duas pessoas de características raciais diferentes para conversar sobre a atuação profissional no Instagram e no consultório. Como o objetivo da pesquisa é compreender a dinâmica do racismo que exerce influência na imagem profissional e no consultório psicológico, é preciso ter cautela, não apenas por ser um tema sensível, mas para que a entrevista flua com propósito de alcançar os objetivos e possibilitar um ambiente agradável para os participantes e para a pesquisadora.

A amostra de participantes foi escolhida a partir de um levantamento na rede social Instagram no qual foram selecionados possíveis participantes, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, que compreendem: ter um perfil profissional no Instagram, atender em um consultório psicológico no Recife, se identificar como branco e não atender em uma instituição pública. Agrupei os perfis profissionais em uma tabela em que destaquei o local

de atendimentos e a modalidade (presencial e online). Em seguida, categorizei os perfis a partir das regiões político-administrativas de Recife⁶, conforme mostra a tabela 1 abaixo.

Tabela 1. Distribuição geográfica dos participantes da pesquisa.

Região Político-Administrativa	Profissionais Localizadas/os	Bairros onde as/os profissionais atuam	Profissionais entrevistadas/os
RPA 1	6	Santo Amaro, Boa Vista, Paissandu	2
RPA 2	-		
RPA 3	22	Casa Forte, Derby, Espinheiro, Graças, Monteiro, Poço	3
RPA 4	2	Iputinga, Madalena	1
RPA 5	-		
RPA 6	12	Boa Viagem, Pina, Setúbal	2
Total	42		8

Além dos 42 profissionais, o levantamento contou com 16 que não informaram no perfil em qual bairro estava o consultório. Assim, no total, a amostra reuniu 58 profissionais, em quatro das seis regiões político-administrativas da cidade.

O convite para participar da pesquisa ocorreu pelo aplicativo de mensagens WhatsApp em que era enviado a mensagem:

Oi, (nome da pessoa)! Bom dia ou Boa tarde!

Me chamo Nayana e estou fazendo mestrado em Psicologia na UFPE. Peguei teu contato na tua página profissional do Instagram e queria te convidar pra participar da pesquisa que estou fazendo. Estou pesquisando sobre como o racismo influencia a imagem profissional e o consultório psicológico :)

Dos 14 convidados, 8 aceitaram participar, com os demais não foi viável agendar a entrevista e também houve casos de profissionais que participaram por questões médicas e por não ter alguns dos critérios de inclusão dos participantes. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e ocorreram no consultório onde as/o participante(s) atende(m). Sete participantes

⁶ Região Política Administrativa é o nome dado à divisão da cidade para fins de formulação, execução e avaliação das políticas e planejamento governamentais.

são mulheres e um é homem. Os consultórios estão localizados nos bairros: Boa Viagem, Boa Vista, Casa Forte, Espinheiro, Graças, Iputinga e Pina.

4. 1 ESCOLHA DOS PARTICIPANTES

Das poucas certezas que tinha ao pensar na pesquisa, a de pesquisar com pessoas brancas foi a mais resistente. Do meu ponto de vista, é necessário ouvir os pensamentos e ideias das pessoas brancas a respeito do racismo. No exame de qualificação e nas orientações, percebia certo temor, não sem fundamento, a respeito da minha ideia, como se fosse difícil demais executá-la.

Por me autodeclarar como parda, a disparidade racial esteve presente na entrevista. Sob esse aspecto, Schucman, Costa e Cardoso (2012) pensam que:

Para além da cor do par entrevistador-entrevistado, o desenrolar de uma pesquisa depende de como se dá o encontro entre eles e do que se pretende compreender e investigar. **É preciso que os dois lados do par surpreendam-se. Não há construção de saber sem riscos.** (2012, p.14, grifo nosso).

Tal pensamento incide tanto no objeto e objetivos da pesquisa como na escolha dos participantes e construção do roteiro de entrevista. A partir dele, entendi que não queria pesquisar o conceito de branquitude, nem enfatizar a raça dos/as participante(s), mas tentar compreender como o racismo influencia na imagem profissional e no consultório, elementos que constituem a clínica de qualquer profissional. A construção do roteiro de entrevista visa tornar o momento confortável tanto por conta de o tema ser sensível, tanto porque se tratar de investigação sobre o trabalho de outras pessoas.

Uma profissional, ao ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) enviado pelo WhatsApp, informou não ser branca e indicou algumas profissionais que poderiam participar da pesquisa. Uma entrevistada ficou com dúvida em como poderia participar de uma pesquisa sobre o racismo sendo branca, expliquei meu ponto de vista no decorrer do encontro. Uma outra participante disse que ficou pensando no tema entre o dia do contato pelo WhatsApp e a entrevista.

Deixar as pessoas falarem, uma técnica presente na clínica e na pesquisa. Me encantou saber como as/o participante(s) constroem(m) espaços e trabalhos para quem lhes procuram. Quais são as suas preocupações e anseios. Como lidam com a realidade duríssima de trabalhar

de forma autônoma. Houve elogios ao tema da pesquisa e também falas que remetiam a um embaraço ao tentar formular uma ideia ou responder a uma pergunta. Pareceu que não é apenas difícil para mim tematizar o racismo e, com cuidado, certos riscos podem ser expressos.

Participantes racializados/as como brancos/as influencia nas dimensões intersubjetivas da coleta de dados. Optei por, já no convite, informar que o racismo é objeto de estudo, perguntei diretamente como se autodeclararam em termos de raça, como uma forma de preservar e legitimar a autodeclaração, tão importante para as pessoas negras e para os mecanismos de enfrentamento ao racismo institucional que algumas instituições implementam.

No decorrer das entrevistas, fui indagada sobre como será a devolutiva dos resultados às pessoas que participaram, conforme orienta o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE. Além disso, o fato de algumas participantes mostrarem interesse em saber quais seriam os rumos da pesquisa me causou surpresa, já que não esperava que as pessoas entrevistadas fossem querer ler a dissertação. Quando expressavam vontade de ter acesso aos resultados, pensei que um dos objetivos da pesquisa de maneira ampla tinha sido experienciado: duas pessoas estavam interessadas em saber como uma troca feita na entrevista poderia se tornar em construção do conhecimento

Na sua tese, Resende (2008) subverte a ideia de construção de conhecimento científico. Ao estudar o movimento nacional de meninos e meninas de rua, a atual professora e pesquisadora apresenta um modo de lidar com o poder proveniente da Universidade. Diz que:

Nesta pesquisa, a motivação social não implica uma perspectiva segundo a qual a Academia, do alto de sua sabedoria, empodera sujeitos carentes dessa mesma sabedoria, em uma intervenção vertical, de cima para baixo. Não me vejo acima (Resende, 2008, p. 104).

Além de concordar integralmente com a reflexão, penso nas conexões possíveis de uma intervenção horizontal atrelada à constatação da pouca discussão acadêmica sobre o objeto de pesquisa. Não poderia me sentir superior em relação às participantes, tanto por não concordar com tal modelo como, no decorrer da pesquisa bibliográfica, não encontrar literatura do tema. É a partir dos conhecimentos delas compartilhados que consigo aprofundar e direcionar as análises e discussões teóricas.

Porém todas/os participantes estudaram em instituições de ensino superior – seja pública ou privada – e possuem algum tipo de entendimento dos objetivos das pesquisas em sentido amplo. Desse modo, seria imprudente supor que elas não compreendem a entrevista como um momento específico de um trabalho que pretende ampliar a compreensão de fenômenos.

Dito de outra forma, o conhecimento compartilhado pelas/o participante(s) possui, e elas/e sabe(m) disso, fins próprios de uma investigação acadêmica. Se houve uma troca de conhecimento no momento da entrevista, a Universidade precisa ser imbuída a difundi-la. A contrapartida da Universidade é dispor de diretrizes e recomendações institucionais para o desenho da pesquisa. Também a base teórico-metodológica influencia nas minhas ações durante o encontro com as participantes(s) e na produção do instrumento de coleta e organização dos dados.

4.2 INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO DE DADOS: A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

Como não acessei literatura acadêmica a respeito do consultório psicológico, tive que recorrer a temas afins para delimitar quais aspectos seriam relevantes para construir as perguntas. A Psicologia enquanto campo de trabalho no Brasil, a racialização dos profissionais, a construção social e afetiva de um espaço para atendimento clínico e o cuidado com a imagem profissional em seu sentido semiótico foram os temas que me debrucei.

O enquadre de uma ausência significativa de discussão na Universidade, faz com que a pesquisa proposta tenha um caráter exploratório. Assim, a maioria das perguntas do roteiro foram as mais abrangentes possíveis. Por vezes, os sentidos delas foram construídos no próprio momento da entrevista e, não raro, assuntos pertinentes aos objetivos da pesquisa emergiram, seja através de outras perguntas, seja pela possibilidade de aprofundamento de respostas.

Como aponta Segundo (2018), uma das funções de quem pretende analisar o discurso de forma crítica é mostrar o que está latente no discurso, quais as forças coercitivas incidem no que está no texto. A partir daí, formulei o roteiro de modo a ir aos poucos e com cuidado na questão da pesquisa.

Não me pareceu suficiente apenas essa estratégia, por temer muito uma dificuldade de diálogo entre mim e quem participou. Com isso, pedi ajuda a Daniela, mestranda do grupo de que faço parte, por apresentar quase todos os critérios para participar da pesquisa (branca e psicóloga que atende em consultório). O único que ela não possui é ter conta profissional no Instagram, mas não achei relevante ao ponto de ter que procurar outra pessoa pra conversar sobre a entrevista, já que a principal finalidade de ter um perfil na rede social era encontrar as/os participantes.

Ela não só aceitou, como sugeriu uma pergunta sobre o Instagram que acabei introduzindo no roteiro. Gosto de pensar que, com essa pergunta, não sou só eu que me interessou nas questões que a pesquisa busca estudar, que a pesquisa faz com que outras pessoas também possam pensar o seu tema.

O roteiro da entrevista foi composto de forma a passear pelos temas relevantes para a pesquisa, quais sejam: imagem profissional, localização do consultório, racismo e prática profissional. Com o roteiro espero contemplar os objetivos, quais sejam: compreender como a dinâmica do racismo opera na construção da imagem profissional e no consultório psicológico, caracterizar o discurso sobre consultório psicológico e caracterizar o discurso da imagem profissional.

4.3 CUIDADOS ÉTICOS EM PESQUISA

Sempre achei curiosas as discussões a respeito de ética. Não por não respeitar o Código de Ética de Psicologia ou as resoluções 466/2012 e 510/2016 referentes aos cuidados éticos ou por desconsiderar a função de pesquisadores que trabalham no CEP construindo pareceres a partir das reflexões éticas informadas nos projetos. A atuação do CEP protege quem pesquisa, a Universidade, quem participa das pesquisas e a produção de conhecimento científico.

No rito da pós-graduação em Psicologia, é preciso que o parecer do CEP seja favorável para iniciar o contato com quem irá participar da pesquisa. Esta pesquisa recebeu o

parecer favorável em junho de 2023. A partir do parecer favorável⁷, eu iniciei o contato com os profissionais a fim de realizar as entrevistas.

Como, porém, desenvolver qualquer tipo de pensamento e ação éticas quando parto de uma premissa: o Brasil é um país racista. As tentativas de explicação pautadas por uma - extremamente questionável - boa integração entre as raças não produziu conhecimentos que compreendem alguns fenômenos. Por uma questão de proximidade, apresento as minhas opiniões e ideias sobre ética a partir do que penso como psicóloga que trabalha em uma instituição para adolescentes em conflito com a lei.

No trabalho e a caminho de casa, assisti a alguns trechos de uma banca de qualificação, um dos momentos de troca e aprendizado dos vários que ocorrem nos programas de pós-graduação. Em uma das falas, uma das pessoas presentes nomeou como ‘traficantes’ outras pessoas para contar uma história.

Em uma entrevista concedida ao programa Roda Viva em 2007, o rapper e compositor Mano Brown, coloca entre aspas a palavra traficantes⁸. Além disso, cria uma distinção chamando quem faz as perguntas, segundo as regras do programa, de ‘vocês’. Mano Brown nomeia quem vende drogas ilícitas como comerciante e não como traficante. Equipara, para a argumentação, todas as pessoas que vendem drogas, sejam lícitas ou ilícitas.

Não satisfeito, sinaliza que o poder do Estado não prende quem atua no mercado de bebidas alcoólicas e questiona quais são as substâncias psicoativas que mais fazem mal ao organismo humano. Com aguçada sensibilidade, diz ‘o filho dele (que vende drogas lícitas) não vai ficar manchado como filho de presidiário’.

Compreende os efeitos deletérios da situação de comercializar droga sendo negro e pobre em quase todas as suas dimensões, especialmente a subjetiva ao evocar, sem aprofundar a reflexão, os danos psíquicos na imagem e construção de si de quem tem pai que come cadeia. Como utopia, queria que as pessoas vivessem bem.

⁷Número do parecer que aprovou a pesquisa é : 6.108.236

⁸Aos 41 segundos desse vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ISYQldgtlyg>

Pela minha compreensão, quando Mano Brown distingue o ‘vocês’ do ‘eu’ ao colocar entre aspas a palavra ‘traficantes’ há uma mudança na condução da entrevista. Mas há também a explicação de um conhecimento, a partir de uma simples recusa em utilizar uma palavra.

Em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente passa a vigorar no Brasil. Nele, o termo ‘menor’ deixa de existir e crianças e adolescentes passam a ser considerados como sujeitos de direitos. Em um momento de redemocratização do país, uma mudança de palavra traz novas formas de compreensão e atuação do Estado. Onde trabalho, é possível notar os embates entre as palavras e suas repercussões éticas.

Em pesquisa realizada em 2020, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) concluiu que o tráfico de drogas é a segunda causa de internação de adolescentes. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) considera a comercialização de drogas por crianças um dos piores tipos de trabalho infantil. O número de réus negros em crimes de tráfico de drogas é duas vezes superior ao de brancos, conforme aponta o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)

Não considero que houve intencionalidade de desrespeitar alguém quando, na qualificação e no programa Roda Viva, utilizaram a palavra traficante. A discussão aqui (e na dissertação como um todo) é ponderar a respeito dos discursos e suas relações com as práticas sociais, mais especificamente nesse tópico com as faces éticas de ambas.

Os outros modos de compreensão de realidades complexas - como é o caso do mercado de drogas lícitas e ilícitas - por parte de um dos quatro pretos mais perigosos do Brasil parece ainda encontrar resistências, por exemplo, no meio de comunicação. Os dispositivos legais parecem não ser suficientes para mudar a realidade jurídica de pessoas negras. Os discursos e as palavras ainda são relevantes para direcionar políticas públicas e ações, seja onde for.

As reverberações éticas de falas, perguntas, histórias e discursos não devem ser subestimadas. O cuidado ético em pesquisa não pode se resumir a uma atenção a entrada no campo, procedimentos de coleta e análise de dados, devolutiva para quem participou. O contexto de qualquer pesquisa que envolva seres humanos no Brasil envolve o racismo, na minha opinião. O trabalho realizado pelas Universidades na produção, alcance, distribuição e

inovação do conhecimento científico envolve o racismo. O ambiente dentro não difere daquele encontrado em qualquer outra instituição pública ou privada do país.

É preciso haver um esforço institucional em modificar o ambiente. Um dos já iniciados é a política afirmativa de cotas. Inicialmente, abrangia apenas os cursos de graduação e, a partir de 2022, incorpora todas as pós-graduações da UFPE. A possibilidade de ingresso contínuo e substancial de pessoas negras aumenta e diversifica os temas pesquisados e, quem sabe, ensinados.

Mas não deixa de possibilitar situações racistas. Tanto opiniões, já superadas empiricamente, de que haveria um declínio na excelência das produções acadêmicas, como relações hierárquicas pautadas pelo racismo são comuns e recorrentes e sinalizam que há muito a ser feito no sentido de garantir direitos ao estudo iguais para quem deseja uma formação acadêmica.

As políticas de permanência trilham um caminho. Afinal, quando uma pessoa negra ingressa na Universidade pública, toda uma cadeia de normas, leis, relações hierárquicas, conhecimentos e práticas são quase que obrigadas a refletirem seu motivo de existência. Modificar tal forma de organização do espaço e do estudo talvez seja relevante para pensar o enfrentamento ao racismo.

No artigo “Racialização, subjetividades, arte e estética: um estudo de caso a partir da formação em psicologia” de 2019, Karla Adrião e Mariana Rodrigues, partindo dos incômodos expressos pelos estudantes negros e negras e com empenho de refletir sobre os modos de ensinar e aprender, propõem uma discussão interessante ao comparar os modos de fazer e divulgar expressões artísticas em dois locais da cidade do Recife fortemente marcados pela segregação racial.

As autoras expõem um movimento de questionamento aos conhecimentos dos processos de subjetivação pautados em compreensões que negligenciam o aspecto racial. Sublinho a importância de reconhecer e analisar os incômodos das pessoas negras como parte do processo de formação ético e implicado. Um giro antirracista deve abarcar e acolher os desconfortos das pessoas negras quando colocados em palavras.

4.4 DON'T TOUCH MY HAIR⁹: ASPECTOS DE VIOLAÇÃO E TRAVESSIA

Entendi ainda como um pensamento vago as similaridades do racismo no ar em diferentes ambientes. À medida que ia amadurecendo as reflexões da pesquisa, os incômodos sentidos nos lugares acadêmicos assim como a dificuldade em transformá-los em palavras, a recorrência deles nas queixas em terapia e nas conversas com colegas e amigas no trabalho tornaram-se parte do trabalho de pensar uma dissertação.

Para fins de argumentação, considero a Universidade como uma instituição. Como tal, navega entre transgressões e interditos. Szpacenkopf (2002) argumenta que a transgressão faz parte de uma díade “interdição-transgressão”, ou seja, a transgressão implica a existência de uma interdição, que opera como uma lei de abrangência coletiva, sendo as duas necessárias para a vida social. De acordo com a autora,

A relação entre elas não deve se estagnar em sentido único, irreversível, pois a prevalência continuada em um dos polos causa desequilíbrio, indiferenciação, dominação e morte. A homogeneização e a volta ao mesmo se manifestam sob a forma de estruturas rígidas, projeções exacerbadas e delirantes de poder, exigências exageradas de adequação aos interditos, medos e sensação de falência interna, que podem ser vividos por cada um e facilmente revisitados no outro(Szpacenkopf 2002, p.33).

Desse modo, a autora apresenta a interdependência dos dois fenômenos e o caráter dinâmico da relação. Ao negar a ideia de que apenas um dos polos deva prevalecer, Szpacenkopf (2002) desloca a problemática da transgressão do campo exclusivo da proibição, para o campo da vida social, por considerá-la importante às práticas sociais. Assim, a autora interroga-se sobre os modos possíveis de manejar a relação díade.

A interdição possui a função de conter os excessos da condição humana e a sua desorganização com o fim de possibilitar a vida coletiva e o trabalho. Em outras palavras, o interdito organiza e estrutura a vida comum. Sem ela, de acordo com a autora, o sujeito não seria inscrito na cultura, restando apenas uma vida sem organização social. A transgressão, por seu turno, caracteriza-se como interrupção brusca do que está instituído como norma. Disso, resulta um movimento permanente: a busca para manter as interdições vigentes e sua consequente supressão pelas transgressões. Estas impulsionam uma reorganização das normas

⁹ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YTrnDbOQAU>

coletivas, podendo desempenhar a função de transformação da sociedade. Essa constante movimentação faz com que as instituições precisem de estratégias para que nenhum dos dois polos se torne preponderante.

Szpacenkopf (2002) elabora a ideia de que é preciso que as instituições – formas da organização social que colaboram com a inscrição da interdição – possam acolher e administrar a transgressão. Ou seja, que não tenha no horizonte sua eliminação, haja vista sua correlação com as normas que operam e regulam a instituição. Com isso, admite-se que a transgressão pode ter uma função potencialmente transformadora para a instituição. Adotar uma postura de acolhimento não deve ser traduzido como uma banalização da transgressão. Caso seja assim, a interdição perderá uma das suas funções e o polo transgressor prevalecerá. O trato da transgressão em instituições exige movimentos diversos, dependendo da sua condição, que possa abarcar tanto o manejo quanto a interdição da transgressão.

Transgredir é um ato presente e esperado nas sociedades e, de um certo aspecto, necessário para as mudanças da organização, à medida que estimula novas formas de organização social e novas maneiras de conter o excesso de violência. As mudanças e as resistências ocorrem, em certa medida, devido às transgressões que, de um aspecto positivo, instituem o novo na vida coletiva.

Como é bom ver pretinhos e pretinhas caminhando pela Universidade, já que fazem algum curso formal. Como é difícil achar super parecida a imagem do moço que vende açaí embaixo do prédio onde está localizado o PPG de Psicologia com as várias imagens que vejo no meu trabalho. Como é bom poder chorar as pitangas com a minha amiga no trabalho a respeito de como o racismo é abordado na Universidade e ela lembrar as falas dos adolescentes que expressam um conhecimento refinado acerca do Sistema de Justiça e sua seletividade. Como é ruim acharem que alguém que veio da favela só vai saber quem são os Racionais MC's se ler em um texto acadêmico.

Há um caráter criativo em estudar se se pretender ser ético. Segundo Costa (2002)

O agir ético, obviamente, não é um passeio através de um arco-íris. O opositor é um outro com densidade própria a quem tenta convencer e com quem, eventualmente, se luta e polemiza. Existe, contudo, grande diferença entre agir a favor de si e agir contra os outros. O transgressor visa, de modo prioritário, a inverter, contrariar, negar ou desqualificar a moral alheia; **o criador, a começar, dar início, inaugurar algo cuja verdade, beleza,**

potência, relevância ou excelência ética acredita. (Costa, 2022, p.66, grifo nosso).

Agir a favor das pessoas parecidas a mim e contra as/os racistas. Um trabalho difícil demais de realizar sozinha. Pendular entre transgressão e criação que ideia fácil de ser posta na prática. Um desenho de pesquisa é o trabalho de pesquisa, por si só. Ao aglutinar as falas sobre racismo percebo que todas as pessoas, talvez, negras que estão na Universidade estão nesse movimento de pêndulo. O resultado (espero que se torne concreto logo menos) é mudar a Universidade, para torná-la mais bonita e mais útil para as pessoas negras.

4.5 REFLEXIVIDADE EM PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Os dois subtópicos anteriores advém de um trabalho de reflexividade. Dolorosos, prolongados e úteis apenas na medida em que impulsionam o movimento de escrita. Como autorais, explicitam uma noção importante para a construção do conhecimento: quem desenvolve uma pesquisa desenvolve um ponto de vista a respeito da investigação empreendida. Esse ponto de vista, por sua vez, será fundamental para o conhecimento obtido.

Por óbvio, o desenvolvimento deve se valer da literatura científica, da troca de experiências com os pares, do processo de aprendizagem em orientações. Neves e Nogueira (2005) partem de um entendimento do conceito de reflexividade como aquele que irá dar conta de capturar as relações e inter cruzamentos das práticas sociais envolvidas na investigação, seja no ambiente acadêmico, seja no campo propriamente. Como é doloroso evitar a ficção da racionalidade científica.

A surpresa na condução da pesquisa repousa na minha constatação, por isso os dois subtópicos anteriores, de que as instituições podem manter estruturas racistas ou tentar ruí-las. Com tal entendimento, eu tive que me posicionar e tentar criar o trabalho de escrita que não perpetuasse as hierarquias racistas. Com isso, não foi um trabalho que visava a objetividade.

A objetividade não seria possível no estudo, posto que prima pela linguagem e sua visão turva que imprime à explicação dos fenômenos. Está no bojo da Análise do Discurso Crítica (ADC) o consenso que a linguagem é um campo de forças passíveis de mudanças. Diversas perspectivas teóricas e metodológicas compõem a ADC, sendo possível um esforço para o diálogo entre elas, respeitando a pergunta e os objetivos da pesquisa.

Uma ideia nodal na ADC é a interdependência entre linguagem e práticas sociais. A análise de um discurso de forma crítica permite também analisar as práticas sociais de uma determinada sociedade em uma época específica, com vistas aos processos ideológicos e relações de poder presentes de forma latente nos discursos. A mudança dessas práticas é um objetivo almejado e expressamente exposto por quem desenvolve as análises.

De acordo com Fairclough (2012), a ADC analisa os problemas das práticas sociais que afetam aquelas e aqueles que sofrem com a exclusão e a discriminação. A ADC está interessada na semiose, considerando o discurso um aspecto dela. Reconhece que há uma relação de dominação na maneira como se constroem sentidos, seja na linguagem, seja em outros símbolos. Dominação é importante para a pesquisa, porque pretendo analisar como a ideologia se apresenta. E, a partir da análise, propor mudanças ou, ao menos, criar rachaduras na dominação.

Para a construção da análise, li e reli algumas vezes as transcrições das entrevistas para tentar identificar semelhanças e diferenças nos temas abordados. A organização dos temas seguiu uma fluidez, de modo a destacar os tópicos que interessam à pesquisa. Mesmo com a definição prévia dos temas abordados, as respostas seguiram caminhos próprios, redirecionando as análises.

Tal arranjo é condizente com a ADC já que este campo não estabelece, a priori, modos de análise. Segundo Dias (2011), modos de adaptação à realidade da pesquisa são viáveis na ADC. As categorias de análise foram definidas a partir da leitura e releitura das entrevistas. Também, no decorrer das transcrições, percebi ser relevante mencionar como ocorreu o meu acesso no local da entrevista, já que dialoga com um dos objetivos da pesquisa.

5 RACISMO

Tentar conciliar uma rotina de trabalho com o processo de pesquisa e escrita, além de atrasar a finalização e a entrega da dissertação, faz com que escute e dialogue com várias pessoas cujas profissões e trabalhos divergem, mas há o racismo como um ponto de intersecção. Quando uma análise da instituição que destaca o seu caráter racista é feita por alguém sem formação acadêmica e sem contato direto com os adolescentes e as adolescentes, quase sempre indago a importância do que tento debater na Universidade.

Gerir processos administrativos resulta em uma compreensão da instituição onde se trabalha? Quais outros conhecimentos foram forjados para chegar à análise? Desde quando sabia o que era racismo? Uma formação acadêmica faz falta para a análise? São algumas das perguntas que faço em silêncio.

Prefixo da placa MY
Sentido Jaçanã, Jardim Hebrum
Quem é preto como eu, já tá ligado qual é
Nota fiscal, RG, polícia no pé
"Escuta aqui, o primo do cunhado do meu genro é mestiço
Racismo não existe, comigo não tem disso, é pra sua segurança..."
Falou, falou, **deixa pra lá**
Vou escolher em qual mentira vou acreditar
Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Em qual mentira vou acreditar?
Racionais MC's - Qual mentira eu vou acreditar¹⁰ (grifonosso)

Na aula de pilates, minha amiga contava quais documentos eram necessários ter em mãos no momento da posse como policial civil. Uma branca¹¹ logo disse que polícia não presta, que são violentos, não duvido (mas não posso afirmar, pois não lembro com exatidão) de tê-los chamados de fascistas. Minha amiga não falou mais nada. Será que faz parte do cuidado em saúde mental, além da prática física, essa avaliação de uma profissão não solicitada?

Um dia um PM negro veio me embaçar
E disse pra eu me pôr no meu lugar
Eu vejo um mano nessas condições, não dá

¹⁰ Música disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4HxbVdaazzQ&list=OLAK5uy_nXyWjwypr-yMtSmeWyapr9gsaecYZe7rQ&index=9

¹¹ Nas interações com essa pessoa, não houve um momento de perguntar como se autodenominava em termos de cor e raça. No entanto, é como branca que a leio.

Será assim que eu deveria estar?

Racionais MC's - Capítulo 4, Versículo 3¹² (grifos nosso)

Quando acompanha os meninos e as meninas apreendidos pela polícia para a oitiva do Ministério Público, surge a pergunta sobre violência policial na abordagem e os olhares se voltam para a minha amiga. Devem olhar seu cabelo crespo, sua cor de pele, seus traços negros. Em resposta ao olhar, ela diz 'podem falar, porque eu mesma não fiz nada.'

Nunca perguntei qual o teor das respostas deles e delas. Não chamo a minha amiga de decolonial (ou qualquer outro termo), não digo a ela para ler Fanon, não a chamo de intelectual, embora tenha parado o exercício de pilates para abraçá-la quando soube que havia passado no concurso da Polícia Civil, pois sabia o quanto de inteligência, dedicação, vontade depositou e deposita nos estudos.

Será que a mesma pergunta existencial presente na letra dos quatro pretos mais perigosos do Brasil ecoa nos meninos e nas meninas quando olham para a minha amiga? Não sei a resposta. Mas consigo interpretar a pergunta de inúmeras maneiras, sendo impossível saturá-la.

Indicar que há uma sobreposição da cor em detrimento da profissão talvez seja uma maneira de expor quais confusões mentais podem ocorrer quando uma pessoa negra encontra outra em posições sabidamente paradoxais. Ao conseguir ver a cor e reconhecê-la como igual a sua, não há uma conclusão direta e absoluta a respeito da polícia, mas uma interrogação sobre si. Os Racionais MC's não dão resposta a ela, nem na letra da música nem no CD 'Sobrevivendo ao Inferno' de 1997 em que está a canção.

Ao contrário da branca que, com muita opinião, torna uma conversa em um silêncio, o grupo de rap mobiliza muitos sentidos em torno da imagem do policial no CD. Chama-me atenção o trecho acima porque minimiza - ao menos momentaneamente - as violências racistas perpetradas pela força policial para focalizar os sujeitos, em especial aquele que leva um embaço do policial. Não é pela via da profissão ou da violência que a pergunta se faz, mas pela via da cor e da identificação.

¹² Música disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=gtFnJldA1Xg>

Não é possível saber (e não é o objetivo do trabalho) como a branca via a minha amiga, se notava algo da ordem do pertencimento racial dela e de si mesma. Ao lembrar o episódio, me parece óbvio a dificuldade da branca em articular uma noção, mesmo que vaga, do racismo a sua fala.

Não é com todas as pessoas que a polícia não presta, não é com todas as pessoas que a polícia é violenta. A branca não fez o recorte necessário para expor a sua opinião. Não considerou o pertencimento racial da minha amiga e o dela para falar. Acho que ela não ia entender a pergunta da canção como uma pergunta fundamental para as pessoas negras. Talvez explicasse como o policial explica no trecho da música ‘Qual mentira vou acreditar’ que racismo não existe.

O presente capítulo pretende apresentar e discutir a noção de racismo. Antes, preciso elucidar as minhas implicações na construção da reflexão. Considero uma armadilha tentar totalizar um conceito, desconsiderando as particularidades históricas, políticas e sociais. Tampouco suponho que uma dissertação pode contemplar todas as mesmas particularidades ou que o objetivo do capítulo seria apresentar todas as discussões possíveis sobre o racismo.

Lentamente, uma ideia de conceitualização instrumental que abarcasse o cotidiano do trabalho pareceu interessante. É quase como um contraste que percebo o meu objeto de pesquisa. Ele se formou a partir do meu trabalho, com os entendimentos e confusões dele que reflito sobre o consultório psicológico. Lançar luz (e sombra) a um ambiente e trabalho tendo outro ambiente de trabalho como referência.

Embora os números sejam muito contundentes em mostrar quais pessoas são alvos das instituições de segurança e justiça do Estado, ainda faltam elementos interpretativos para uma explicação. Vinuto (2022) utiliza o conceito de ‘racismo por denegação’ proposto por Lélia Gonzalez para tentar compreender um fenômeno observado nas suas pesquisas em instituições de privação de liberdade para adolescentes no Rio de Janeiro e ampliar o debate a respeito do racismo no campo da Sociologia da Violência.

Observou um silenciamento por parte dos agentes socioeducativos (ASE) a respeito da cor dos adolescentes quando explicam quais são os objetivos primordiais da instituição. Nas suas próprias palavras:

Quando questionados sobre racismo na instituição, a grande maioria desses profissionais afirmou que esse inexistia em sua rotina de trabalho, denegando-o. Inclusive, acessei narrativas que ressaltavam que a seletividade do sistema de justiça juvenil era resultado exclusivo da pobreza, mas não do racismo, como se fossem instâncias completamente apartadas. **Mas em todas essas dinâmicas, é possível observar hierarquizações racializadas que são cotidianamente escamoteadas por não serem percebidas enquanto tais** (Vinuto, 2022, p.8, grifo nosso).

Não é sem sentir que leio tal trecho. Embora não negue a presença do racismo na instituição, não sei explicar detalhadamente como ocorre ou, mais doloroso ainda, como eu posso ou não o perpetuar. Para Almeida (2021), houve uma expansão da compreensão do racismo quando este não se limitou a ser definido em termos de meros preconceitos. O racismo institucional e o estrutural dão novos contornos às situações de desigualdades sofridas pelas pessoas negras e a própria compreensão das estruturas sociais.

Dessa forma, não permanecer na ideia que eu sozinha poderia ou não ser a única responsável por dinâmicas racistas, mas também não me eximir do compromisso enquanto psicóloga de propor reflexões à comunidade científica e aos profissionais sobre de que maneira a atuação profissional é atravessada por dinâmicas que tem a hierarquização racista como base.

Na sua tese, Vinuto (2019) conta um pouco a sensação de ter como campo de pesquisa as instituições de internação e as suas interações com os ASES abertamente contrários à sua presença, à sua pesquisa, ao conhecimento construído a partir das conversas com elas e eles e à possibilidade de pensamento teórico por fim. A tensão exposta ajudou na pesquisa, muito embora tenha causado um desconforto digno de escrita à pesquisadora.

A explicação da resistência à pesquisa parte de alguns motivos, o que quero destacar é: “(...) essa atitude de rispidez frente a possibilidade de questionamentos externos também ocorre como resposta à postura de alguns pesquisadores que entram nos centros de internação já empunhando suas teorias” (Vinuto, 2019, p.35).

Compreendo a resposta. Muitas certezas e análises perfeitas a respeito do trabalho na instituição. Às vezes, leio em textos acadêmicos, como se fosse possível e desejado transpor, sem nenhuma crítica ou ponderação, explicações vindas de outro continente e de outro momento histórico. Nenhuma disposição para o diálogo, a fim dimensionar com seriedade o

debate a respeito dos motivos e finalidades de uma instituição voltada a adolescentes (e suas famílias) existirem.

Compreensão não é concordância, nem escolha de um lado (ASES x pesquisadoras/res). Utilizo a compreensão como direcionamento para decidir de qual forma tento discutir o conceito de racismo na pesquisa e qual a importância dos estudos acadêmicos para o trabalho nas instituições e para as pessoas que lá cumprem medida socioeducativa (MSE).

5.1 INÍCIO DO DIÁLOGO

O racismo, tal como contorna Werneck (2007), é um sistema de hierarquização social. Conforme aponta Schucman (2012), é necessário na Psicologia Social refletir sobre quem é que conduz a investigação que irá se transformar em dissertação. Sou uma mulher cis parda (que não se incomoda em ser chamada de ‘branquinha’ a depender de quem diz e de onde) que faz coisas em um país racista e tenta viver (com alguma alegria genuína).

A compreensão sobre o racismo eu adquiri com algumas leituras. Apresento-as aqui com o propósito de elucidar os seguintes argumentos: o mito da democracia racial encobre o racismo ao mesmo tempo que torna possível a sua existência, e as políticas de branqueamento da população de outrora forjam uma tentativa de adequação, por parte das pessoas negras, as regras racistas do convívio social.

As pessoas negras chegaram nessas terras como mercadorias e não como humanas. Tal condição resultou em um problema com a abolição da escravidão. Com isso, elas precisavam ser integradas à trama social na qual, antes, eram vistas como objetos.

Com a preocupação de não enegrecer a população, a elite brasileira e autoridades governamentais à época da abolição, nas palavras de Nascimento (2016, p.81) “se mostraram perfeitamente satisfeitas com o ato de condenar os africanos ‘livres’, e seus descendentes, a um novo estado econômico, político, social e cultural de escravidão em liberdade.

Ao invés de integrar, manter a separação. Esta, hoje em dia, se observa pela discrepância de acesso aos direitos fundamentais – vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade – previstos na Constituição Federal de 1988 pelas pessoas negras. O mito da democracia racial permite que as desigualdades raciais prossigam no país, de modo que o

termo ‘antirracista’ confere um esforço às pessoas que o utilizam para tentar identificar de que maneira o racismo incide em uma determinada situação e quais são as ações possíveis para ultrapassá-lo.

Antes do mito da democracia racial se instaurar, houve o pensamento disseminado em ações, de embranquecer a população brasileira. Nascimento (2016) destaca alguns momentos em que o país ponderou ou estimulou a vinda de pessoas brancas estrangeiras. Cita o decreto-lei nº 7967 de 1945 que traz a ideia de ser adequado “preservar e desenvolver na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia.” (Nascimento, 2016, p.86). Houve, assim, um triplo empreendimento após o fim da escravidão: relegar às pessoas negras a condição de escravos em liberdade, disseminar o mito da democracia racial e embranquecer a população brasileira pela miscigenação.

O mito da democracia racial diz que todas as pessoas, independente da raça, estão em condições de igualdade no Brasil. Encobre as desigualdades raciais e valoriza os elementos sociais e econômicos para explicar as desigualdades entre pessoas negras e brancas. Coloca as pessoas negras numa espécie de lugar nebuloso, no qual não conseguem entender o motivo de não terem pessoas iguais a si na política, na Universidade e quase que em todos os locais da vida pública.

A partir dos anos 1980, segundo Guimarães (2006), o movimento negro começa a explicar como o mito da democracia racial é uma ideologia racista que mantém, agora com nuances distintas do período escravista e pós-abolição, as pessoas negras segregadas das aspirações republicanas e democráticas. O mito é uma das faces do racismo à brasileira o qual não é expresso, embora seja bastante nítido. Aqui, o preconceito, a discriminação e a segregação às pessoas negras ocorrem através dos atributos corpóreos que remetem à negritude: cor da pele, cabelo e formato de nariz.

Como já posto anteriormente, ações do governo brasileiro impulsionaram a entrada de europeus e seus descendentes no país a fim de embranquecer a cor da população. Mas a tarefa de embranquecer apresenta também a função de imprimir um código sobre quais são as aparências (corpóreas e estéticas) que podem ser consideradas bonitas. Existe uma compreensão tácita de que ser branco é bom e que ser negro é ruim em quase todas as áreas da vida coletiva e privada.

Dzidzienyo (1971) notou como a ideia de “boa aparência” significa a ausência de traços negros no corpo ou que eles sejam, se possível, encobertos. De fato, a ideia da pesquisa começou quando lembrei todas as situações em que meu cabelo foi dito como feio e tive medo disso se repetir no consultório ou de não ser condizente com a imagem de uma psicóloga. Trago esta referência para indicar que, desde a década 1970, os autores apontam como são, de fato, as relações raciais no país.

O mito da democracia racial e a ideologia do embranquecimento talvez sejam o chão no qual uma noção de formação do Estado funda suas raízes. É preciso tê-lo no horizonte para realçar quais são os alvos a serem abordados em uma agenda antirracista. O movimento negro foi e é ativo na discussão a respeito da democracia no país, pondo em relevo a sua limitação, especialmente no que concerne a garantia e acessos aos direitos às pessoas negras. As políticas de cotas nas Universidades e as políticas de permanência podem, então, ser compreendidas como maneiras de minar o mito da democracia racial, ao expor o racismo institucional.

A ideologia do embranquecimento, por sua vez, incide de maneira a tornar negativos os traços negros corpóreos e indicar uma supervalorização de atributos brancos, em referência ao europeu ocidental. É possível observá-la, por exemplo, quando mulheres alisam o cabelo por pressão estética.

Além disso, a função da ideologia do embranquecimento é também encobrir os motivos que justificam o predomínio de sinais de brancura no corpo e porque são tomados como referências. Um tipo de poder de persuasão se faz disseminado a partir dessa ideologia. Qualquer tentativa de descortiná-la trará resistência.

Considero a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial importantes para o diálogo por observar suas ramificações na vida e no trabalho de todas as pessoas. A depender de como são conduzidos os debates acerca do racismo, me parece que não enfrentar os entraves causados pelo mito da democracia racial e pela ideologia do branqueamento é perpetuar a condição sub-humana das pessoas negras e manter desigualdades raciais.

Pelos lugares que trânsito (trabalho, Universidade, consultório) nota-se modos diversos de incidências do mito da democracia racial e da ideologia do branqueamento. Não seria exagero supor que os dois exercem uma influência na organização dos espaços.

Novo (2023, p. 83-84) percorre o pensamento de Lélia Gonzalez sobre a formação social brasileira. Sobre a maneira como o pensamento acerca das pessoas negras no país é construído:

Interessa a Gonzalez refletir sobre **a presença da população negra a partir de espaços e dinâmicas que compõem essa sociedade**, orientada desde sua formação pelo escravismo. Assim, aponta para a **necessidade de reconhecimento das contradições internas e da desigualdade racial que a caracteriza. Entretanto, essa reflexão deve se guiar por teorias menos acomodadas à naturalização da divisão social e da subjugação racial**, distanciando-se das interpretações etnocêntricas que até mesmo os setores progressistas não conseguem escapar, quando reduzem a questão racial à questão econômica (grifo nosso).

Desse modo, um método interessante para atentar para as dinâmicas institucionais e os espaços em que as pessoas negras podem transitar (e/ou existir) é pensar de que forma a hierarquização racial é operada para manter violências, discriminações, desigualdade e exclusões. Como alerta a autora, também é necessário ter como premissa as contradições da sociedade brasileira, sendo uma delas a ideia de que todas as pessoas são iguais, traduzida no mito da democracia racial.

Campos (2017) constrói no engenhoso artigo “Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica” algumas ponderações do estudo do racismo no país e da própria realidade social. Interessa sublinhar o recente interesse dos estudos acadêmicos em delimitar o racismo. A partir da década de 1970, diz o autor: ““racismo” assumiu o estatuto de categoria analítica, na sociologia de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva, mas, ainda assim, sem grandes explorações teóricas.” (Campos, 2017, p.3).

O principal objetivo do artigo é mover esforços para, a partir de uma perspectiva realista crítica, delinear

(...) uma teoria do racismo (que) considere ontologicamente ideologias, práticas e estruturas racistas, mas mantenha no plano analítico as distinções entre essas três dimensões. Assim, tal teoria pode oferecer às observações empíricas um esquema analítico que permita investigar, com base em casos concretos, de que maneira as três dimensões se relacionam entre si em cada contexto ou situação específicas (Campos, 2017, p.12)

Não é o intuito do presente trabalho corroborar, criticar ou ampliar os esforços do pesquisador, mas apenas ressaltar que o empenho de compreender por meio da produção de

conhecimento própria da intelectualidade acadêmica o fenômeno do racismo ainda não é consolidado no país, tornando-se um desafio estudá-lo. O racismo enquanto categoria de análise ainda requer avanços por parte dos estudos. Com isso, a análise empreendida aqui tentará abordar as três dimensões frequentemente associadas às expressões do racismo: ideologias, atitudes e estruturas.

Ainda segundo Campos (2017) cada dimensão apresenta uma explicação própria e parcial do racismo. Seria ingênuo tentar uni-las simplesmente para tornar o termo racismo uma categoria analítica robusta. Com isso, o autor propõe um movimento de estratificação e distinção entre cada dimensão. Ao longo do artigo, apresenta os pontos significativos de cada uma delas e as suas limitações.

Em diálogo com o texto, me parece importante frisar repetidas vezes o caráter limitado, no sentido de incompleto, que as análises empreendidas nos estudos que tomam o racismo como fenômeno da vida coletiva. Não para subestimá-las ou negá-las, mas para manter uma postura de humildade e respeito enquanto pesquisadora e com todas as pessoas que, direta ou indiretamente, lidam com o fenômeno nos seus dias, nos seus trabalhos, nos seus estudos teóricos, nas suas vidas.

Pessoas negras estudiosas (dentro e fora das Universidades) demonstraram a incidência do racismo, mas elas foram silenciadas, escamoteadas, desprestigiadas, ocultadas e ouvidas apenas por outras pessoas negras nos espaços. O resgate de suas leituras não se encerra na constatação do mito da democracia racial, das hierarquias racializadas, das desigualdades raciais (mais do que as econômicas), mas na possibilidade de amplificar as explicações das situações onde o racismo se faz presente.

No final do texto, Campos (2017) salienta um aspecto fundamental do trabalho intelectual de limitar mais precisamente o racismo: a agenda política antirracista. Concordo com o argumento e é a partir dele que imagino ser possível prosseguir com os estudos e diálogos com as pessoas. Dessa forma, o esforço em aprofundar a noção de racismo tem como objetivo fundamental e irreduzível uma formação de agenda antirracista que considere situações empíricas de sua manifestação a fim de evitá-las.

A seguir elucidado as três dimensões do racismo que permeiam as análises dos dados obtidos nas entrevistas.

5.2 IDEOLOGIAS, ESTRUTURAS E INSTITUIÇÕES

As ideologias são um ponto de intersecção entre o campo teórico e metodológico da investigação (Análise Crítica do Discurso) e o debate em torno do racismo. Inicialmente, julguei pertinente enfatizar a ideologia do branqueamento, mas, na construção do roteiro de entrevista, as dificuldades para abordar especificamente este aspecto se tornaram preponderantes. Assim, resolvi modificar o entendimento e elaborar perguntas sobre o racismo propriamente a fim de alcançar as ideologias que dele derivam.

No Brasil, o racismo possui características bastante específicas. A ascensão econômica das pessoas negras tem em contrapartida o ocultamento de parte de si através da negação do pertencimento racial. Também o contrário forma a nação: em lugares muitos pobres, sobretudo nas capitais dos estados, não há constrangimento de se observar que lá vivem muito mais pessoas negras do que brancas. Assim a naturalização do racismo perpetua a pobreza das pessoas negras e, quando é possível algum tipo de saída individual, o pagamento é o assujeitamento diante de si.

Não existe uma lei que organize o racismo no país, mas existem ideias e crenças que tem como função torná-lo um fato da realidade. Estas, por sua vez, criam ideologias capazes de manter hierarquias raciais. Não convém discutir os múltiplos sentidos que ideologia apresenta em vários campos de saber, tal detalhamento será proposto no capítulo seguinte em que a discussão irá se entrelaçar a ideia de discurso. Por enquanto, manter uma compreensão de que ideologia agrega várias ideias pejorativas às pessoas negras é útil para fins de fundamentação.

No trecho da canção ‘Qual mentira vou acreditar’ que inicia o capítulo, quem a escreveu, é possível inferir, percebia a prevalência da ideologia racista nas abordagens policiais. Sob este aspecto, Anunciação, Trad e Ferreira (2020) realizaram uma pesquisa em três capitais do Nordeste (Fortaleza, Recife e Salvador) com jovens negros e negras sobre as abordagens da Polícia Militar.

Duas reflexões presentes no artigo avalio como interessantes. Em Recife, os/as jovens relataram outros aspectos, para além da cor da pele, como relevantes para serem abordados e abordadas: as roupas. Além disso, o racismo institucional não foi o principal fator explicativo,

os/as jovens atribuem a sociedade em geral e a subjetividade do policial como elementos mais relevantes para as abordagens serem constantes em suas vidas.

As maneiras como os jovens e as jovens se vestem carregam um sentido, interpretado como perigoso ou, ao menos, suspeito, pela Polícia Militar, mas também podem significar formas de estar no mundo. Uma distinção entre ser suspeito e estar no mundo, não é possível saber quando começa uma, quando termina outra. Talvez não exista uma diferença quando você é negro ou negra.

Nogueira (2006) compara as diferenças entre o Brasil e os Estados Unidos no que se refere aos preconceitos destinados às pessoas negras. Aqui, nomeia como ‘preconceito de marca’, já que derivam dos aspectos físicos e não somente de ascendência familiar. Nas dinâmicas preconceituosas, é observa como outros atributos, além da cor da pele, podem ser utilizados para driblar ou fundamentar os preconceitos.

Cita exemplos em que o pertencimento racial das pessoas negras influencia e é influenciado por outros fatores, como grau de instrução, polidez, classe que caracterizam os modos de existências delas quando fez o estudo, nos anos 1950. Tal configuração, sob meu ponto de vista, ainda permanece de certa forma nas abordagens policiais.

No estudo citado, não há expressa uma ideia de racismo institucional quando menciona situações corriqueiras no emprego. Ressalto isto porque acredito ser relevante para o estudo do racismo a dimensão do tempo. O conhecimento modifica-se no tempo e no espaço, os diferentes pensamentos do racismo importam para manter a história, tanto das pessoas negras quanto das não-negras.

A noção de racismo institucional proposta no artigo da abordagem policial advém de tentativas de elucidar como as dinâmicas de instituições podem desaguar em práticas racistas, independente da vontade de quem as realizou. Além disso, tem importância para pensar os seus efeitos naqueles que delas são alvos: os jovens negros e as jovens negras. Na pesquisa, eles e elas relataram sentimentos de desamparo, afinal a quem poderiam recorrer quando vivenciaram as consequências do racismo institucional?

De acordo com Werneck (2013, p.18), o racismo institucional pode ser compreendido como:

um modo de subordinar o direito e a democracia às necessidades do racismo, fazendo com que os primeiros inexistam ou existam de forma precária, diante de barreiras interpostas na vivência dos grupos e indivíduos aprisionados pelos esquemas de subordinação deste último.

Assim sua ideia precisa incluir as esferas mais amplas da vida comum e a vida das pessoas que sofrem com o racismo. Um entremeio do que é observado na sociedade e como cada pessoa irá atuar no cotidiano das instituições públicas ou privadas.

Uma aproximação viável entre o modo de pensar dos jovens e das jovens da pesquisa da abordagem policial e o racismo institucional é demarcar como o racismo não está presente apenas nas Polícias, mas em quase todas as áreas das vidas deles e delas, caracterizando a interdependência do racismo institucional e do racismo estrutural como fundamental. Santos (2012) pontua que existe uma reprodução nas instituições da hierarquização racial presente na sociedade. Não sendo o objetivo expresso em mantê-la, mas presente de modo latente, são necessárias reflexões e implicações para detectar a hierarquização.

Racismo estrutural é o título de um livro de 2019 do atual Ministro dos Direitos Humanos e Cidadania do Brasil. Nele, o autor ilustra de que forma o Direito, a Economia e a Política mantêm o racismo. O resultado da organização social do país manter o racismo é o argumento desenvolvido ao longo do texto. Almeida (2019) apresenta indicadores econômicos, legais e políticos como fundamentos do seu ponto de vista.

Explica como as estruturas sociais cristalizam as desigualdades raciais e as péssimas condições de existência das pessoas negras. Além disso, elas dificultam a mudança coletiva, pois implicam uma nova configuração social. Dito de outra forma, importa pouco a mudança individual se toda a forma de organização social visa continuar o racismo. Disto resulta a importância da agenda antirracista e as pautas coletivas para a mudança.

5. 3 ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE AS PESSOAS BRANCAS

Talvez seja errado, para iniciar o capítulo, relatar uma lembrança com uma pessoa que não perguntei diretamente como se identificava em termos de cor e raça. Ela pode se identificar como branca ou não. Seguindo as suposições, poderia subjugar a importância do racismo na sua avaliação da polícia e na expressão da sua opinião. O que aconteceu em decorrência da sua fala, no entanto, foi o silenciamento da minha amiga e o sentimento de mágoa de minha parte.

Eu tive o cuidado de perguntar diretamente a quem participou da pesquisa como se autodenominava. A partir da resposta, as perguntas referentes ao racismo podiam seguir. Todas as pessoas que participaram se autodenominam brancas e responderam às perguntas seguintes. O cuidado comigo ocorreu quando, ao conversar com a colega do grupo de pesquisa, entendi que não eram ofensivas as perguntas idealizadas. Não tive medo de fazer a entrevista, nem de, ao final, expor o temor que tenho do meu cabelo não estar condizente com o consultório e explicar que esse sentimento foi um dos motivos de realizar a pesquisa.

Quando entendi o temor de incluir as pessoas brancas na pesquisa nas orientações e na qualificação, criei uma suposição do seu motivo. Imaginei que achavam não ser possível dialogar com as pessoas brancas em um contexto de pesquisa ou que eu teria uma atitude muito acusatória. Com o intuito de incluí-las no debate acerca do racismo, esbocei a ideia da pesquisa. No entanto, recusei de início aprofundar o debate sobre branquitude, para enfatizar ao máximo a noção de racismo e mantive a renúncia até entender que precisaria ter alguma noção sobre a ideia de branquitude.

Bento (2022), ao apresentar como o conceito de branquitude foi elaborado, traz a ideia de que branquitude seria mais uma forma de dominar e oprimir do que meramente uma caracterização de si. Aliado a esta possibilidade de dominação e opressão, estaria também um modo de reconhecer a si e o mundo.

Nesse sentido, o modo como as pessoas brancas compreendem o trabalho e a interconexão dele com o racismo foi a maneira pela qual tentei debater com quem participou da pesquisa. O ponto de vista das pessoas brancas pouco é considerado como influenciado pelo racismo ou racializado. Assim, pouca implicação das pessoas brancas com a superação das desigualdades raciais é esperada.

Conforme apontado na apresentação, a maioria das profissionais do campo psicológico são brancas. Dessa forma, há o entrelace do fazer profissional com a perspectiva das pessoas brancas a respeito de profissão. Modificar tal cenário depende tanto do acesso e permanência das pessoas negras nos espaços de formação quanto da ruptura com as expectativas de atuação que ignoram o racismo.

No Instagram do site Mundo Negro¹³ foi publicado o resultado da pesquisa o qual aponta que o cabelo liso é julgado como mais profissional em relação a outros tipos de cabelo. A pesquisa compara as atitudes endereçadas as mulheres negras com cabelo alisado e com cabelo cacheado ou crespo no ambiente de trabalho. Observou que aquelas que não alisam o cabelo sofrem pressão para alisá-los. Aqui no Brasil a ideologia do branqueamento pode dar pistas dos motivos que ensejam a pressão para modificar o cabelo.

Penso que é preciso não parar na explicação pautada nas ideologias racistas, mas tentar compreender como as pessoas brancas lidam com a realidade de viver (e trabalhar) em um país racista. Ainda, acredito ser pertinente compreender episódios cotidianos, como a aula de pilates ou o trabalho no consultório psicológico, a partir de análises que tenham como foco o racismo.

¹³<https://mundonegro.inf.br/cabelo-das-mulheres-negras-tem-mais-chances-de-ser-percebido-como-pouco-profissional-revela-pesquisa/>

6 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

6.1 INTRODUÇÃO

A Análise de Discurso Crítica (ADC) entende a linguagem como uma prática social perpassada pelas relações de poder e pelas ideologias presentes na sociedade. Segundo Fairclough (2012, p. 309),

A ADC é a análise das relações dialéticas entre semioses (inclusive a língua) e outros elementos das práticas sociais. Essa disciplina preocupa-se particularmente com as mudanças radicais na vida social contemporânea, no papel que a semiose tem dentro dos processos de mudança e nas relações entre semiose e outros elementos sociais dentro da rede de práticas. O papel da semiose nas práticas sociais, por sua vez, deve ser estabelecido por meio de análise.

Não apenas o discurso interessa para a ADC, mas todos os elementos que podem ser significados. A pesquisa terá como ponto de partida a observação e análise da rede social Instagram. Ao utilizar imagens, textos e vídeos, o Instagram cria um conteúdo com sentidos e objetivos que servem para atrair a atenção e, no caso dos perfis profissionais de Psicologia, divulgar o trabalho.

Os perfis profissionais serão o primeiro contato com o campo. Neles, é possível encontrar algumas informações sobre a prática clínica, os objetivos do acompanhamento, a formação profissional, público que atende e abordagem teórica. Um conjunto de dizeres e imagens expressam o caráter ideológico da profissão. Como é difícil admitir a existência do racismo no país, escolho como saída estudar os discursos sobre o consultório psicológico e imagem profissional para tentar captar o fenômeno racial.

Para Fairclough (2012), a ADC se interessa em analisar os problemas das práticas sociais que afetam aquelas e aqueles que sofrem com a exclusão e a discriminação. Ou seja, é pertinente utilizar a ADC como um meio de análise para atingir os objetivos da pesquisa, quais sejam: compreender a dinâmica do racismo que exerce influência na imagem profissional e no consultório psicológico, caracterizar o discurso sobre imagem profissional e caracterizar o discurso sobre consultório psicológico. A ADC reconhece que há uma relação de dominação na maneira como se constroem os sentidos.

Fairclough (2001) destaca a influência mútua entre discurso e estrutura social. Ao mesmo tempo em que o discurso molda e é moldado pela estrutura social, estatambém sofre

impactos dos discursos. A escolha da ADC para atingir os objetivos da investigação deriva da inclinação crítica da análise. Isso porque, tal aporte teórico visa realçar como as relações de poder operam nos discursos e nas estruturas sociais para, com isso, tentar uma mudança.

Analisar discursos de maneira crítica pode ser compreendido como uma forma de atuar contra as formas de coerções que as relações de poder manifestam. No entanto, a análise também sofre influência das práticas sociais. Por mais que exista uma possibilidade de mudança e agir pelos discursos, estas serão limitadas por outras práticas sociais. Desse modo, as transformações precisam ser nos dois campos da vida social.

Melo (2011) informa que o termo ‘Análise de Discurso Crítica’ apareceu pela primeira vez em 1985, no *Journal of Pragmatics*, em um artigo publicado pelo linguista Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster. A partir da década de 90, pesquisadores na Europa começaram a investigar os discursos e suas relações com as práticas sociais. Em 1986, no Brasil, os estudos que tinham a ADC como escopo teórico começaram a ser desenvolvidos.

Atualmente, de acordo com Tavares e Resende (2021), a ADC abarca várias perspectivas heterogêneas que têm em comum o reconhecimento da linguagem enquanto prática e permeada pelo poder e ideologia. Também, uma noção de transdisciplinaridade está posta na ADC, já que os problemas não podem ser investigados em sua complexidade a partir apenas da linguística. Vieira e Macedo (2021) explicam que a forma de construir conhecimento de elementos complexos da sociedade passa por várias áreas do conhecimento, dessa forma e considerando a inter-relação de discurso e prática social, a transdisciplinaridade na ADC se faz pertinente.

Melo (2011) explica que as relações entre linguagem e as estruturas sociais são opacas, por isso, a função da Análise de Discurso Crítica seria expressar tais relações a fim de evidenciar como o poder e a ideologia estão presentes no texto. Tal aspecto é relevante para a pesquisa, porque enfatiza como o discurso sobre o espaço físico do consultório e a imagem profissional apresentam relação com as estruturas sociais. Ou seja, o bairro onde o consultório está localizado, as escolhas dos temas apresentados no Instagram e a maneira de se vestir. Todos estes elementos se vinculam às formas como a sociedade se organiza.

De acordo com Melo (2011, p.1340),

a ADC se propõe a desconstruir os significados não óbvios ou “agendas ocultas” presentes nos textos, expondo elementos indiciais reprodutores da organização social, que privilegia certos grupos e indivíduos em detrimento de outros, por meio de formas institucionalizadas de ver e avaliar o mundo (ideologias) ou preservação de poderes (hegemonia) de grupos dominantes.

Com isso, tanto é possível compreender quais podem ser as vias possíveis para a transformação das práticas sociais e dos discursos, quanto de que modo as formas institucionalizadas constroem os discursos. Também as desigualdades podem ser compreendidas a partir da ADC, isso porque ela, ao tornar expressa como ocorrem as relações de poder na sociedade, indica de que maneira as desigualdades são fomentadas.

De acordo com Vieira e Macedo (2018), alguns conceitos em ADC são basilares. São eles: discurso, poder, ideologia e hegemonia. Acredito que tais conceitos também são fundamentais para a pesquisa e para a escolha da ADC como suporte teórico e metodológico. Ao longo dos capítulos anteriores, apresentei alguns fragmentos de falas, opiniões, diálogos os quais indicam, segundo a minha compreensão, como poder, ideologia e hegemonia presente neles influenciam nos comportamentos e nas atitudes.

Uma ressalva importante é feita no estudo de Vieira e Macedo (2018, p. 57) sobre os termos ‘discurso’ e ‘discursos’. No singular, refere-se a ‘um momento irredutível da vida social’. Portanto, os fragmentos prévios apresentados ao longo da dissertação podem ser entendidos como um ‘discurso’ de alguém a respeito de um assunto. No plural, as autoras indicam que o termo designa ‘um modo particular - ligado a interesses específicos - de representar o mundo’. Nesse sentido, a função do discurso é organizar um tipo específico de saber.

Dessa forma, o termo ‘discurso’ na ADC indica como o uso da linguagem na vida social e se associa a vários discursos. Isso porque ‘em ADC, ‘discurso’ tem sentido de texto e de interação, porque Fairclough reúne a análise linguística e a teoria social do discurso para conceituá-lo. O termo, então, abandona qualquer sentido de neutralidade’ (Vieira e Macedo, 2018, p.87, grifos das autoras). Para essa corrente de pensamento, o texto também pode ser compreendido através das dimensões de poder, ideologia e hegemonia presentes nele.

6. 2 TEORIA SOCIAL DO DISCURSO

Fairclough (2016) propõe uma teoria social do discurso tridimensional. Com ela, espera contribuir para a mudança social. No livro ‘Discurso e Mudança Social’ de 1992, o

autor apresenta de que maneira as três dimensões do discurso - como texto, como prática discursiva e como prática social - podem ser compreendidas.

Discurso como texto, Fairclough (2016) argumenta que existem razões sociais na atribuição de sentido das palavras. No capítulo destinado à metodologia, pontuei como o uso da palavra ‘traficante’ e ‘comerciante’ está perpassado por questões sociais e como isso afeta o entendimento da realidade social. Dessa forma, examinar como as razões sociais influenciam no texto é um dos objetivos desse primeiro aspecto.

Outro objetivo delineado no discurso como texto refere-se ao significado potencial do texto e sua interpretação. Convém ressaltar a dependência que o sentido das palavras tem da interpretação dos leitores. Assim, há uma ação de quem lê para reduzir os significados possíveis a uma interpretação com sentido do texto.

Inicialmente, Fairclough elaborou mais duas dimensões do discurso: como prática discursiva e como prática social. De acordo com Vieira e Macedo (2018), o autor incorporou a prática discursiva na prática social, tornando o modelo bidimensional.

A prática social, para ser compreendida, precisa abarcar um conhecimento de três elementos do processo social: estruturas, práticas e eventos. Explicam as práticas sociais como “entidades organizacionais que fazem mediação entre estruturas sociais e eventos.” (Lira e Alves, 2018, p.107). Isto significa que o discurso pode atuar para manter, tencionar e até mesmo modificar, mesmo que minimamente, as estruturas sociais. Daí a importância do estudo das práticas sociais, já que pode ser a partir delas que as mudanças nos eventos e nas estruturas podem ocorrer.

Fairclough (2016) ao apresentar o discurso como prática social enfatiza dois aspectos: a ideologia e o poder, mais precisamente o poder como hegemonia. Conceitua ideologias como:

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (Fairclough, 2016, p.122).

Observa-se a articulação da ideologia nas relações de dominação. Fairclough enfatiza a possibilidade, ao poder significar a realidade, de construir relações de dominação. Assim, as

noções de ideologia e hegemonia estão vinculadas no pensamento do autor. Interessa estudar de que forma as duas noções influenciam e são influenciadas no discurso e quais são as vias para a mudança na ideologia e na hegemonia.

O autor defende uma posição em que as ideologias têm como função tornar suas concepções de mundo naturalizadas, sem isso implicar que não são passíveis de contestação e mudanças. Este aspecto é relevante para a ADC porque aponta as lutas ideológicas presentes no discurso. Assim, as ideologias naturalizam o mundo e, ao mesmo tempo, podem ser operacionalizadas para mudar as relações de poder que operam no processo de naturalização.

Uma das características das ideologias é a constituição de sujeitos. Nesse sentido, a ideologia imprime um modo de ser e também assujeita as pessoas as suas construções da realidade. Nesse sentido, a perspectiva da ADC, inspirada nas reflexões de Fairclough, expõe uma interessante relação entre ideologia e sujeitos. Se não é possível ignorar a função da ideologia na constituição subjetiva, também considera as ações das próprias pessoas para transformar as ideologias.

Para Fairclough (2016, p. 126) as pessoas podem agir ativamente diante das ideologias que os cercam. O equilíbrio entre as duas ações (das pessoas diante das ideologias e das ideologias na constituição de sujeitos) “é uma variável que depende das condições sociais, tal como a estabilidade relativa das relações de dominação.”. O autor indica como as naturalizações decorrentes das ideologias não são cristalizadas e a ação das pessoas para a mudança não pode desconsiderar o poder da hegemonia.

A hegemonia, por sua vez, “refere-se a alianças e a integrações, experimentadas através de concessões, sendo estabelecida, portanto, muito mais por consenso do que por coerção” (Fairclough, 2016, p.109). Convém destacar que a hegemonia atua de modo a persuadir as ações das pessoas ao invés de negá-las. Desse modo, o poder decorrente da hegemonia está difuso nas práticas sociais e depende de negociações e acordos.

Fairclough (2016) se baseia nas noções de Gramsci (1971) sobre hegemonia para construir suas reflexões do conceito de hegemonia entrelaçadas a sua Teoria Social do Discurso. Ao sublinhar as construções de alianças e concessões que garantem o seu domínio, o autor enfatiza a instabilidade e a disputa da hegemonia. É relevante a disputa hegemônica,

pois, a partir dela, as análises na dimensão do discurso enquanto prática social tornam-se factíveis ao fornecer uma matriz e um modelo.

Uma matriz, porque oportuniza a análise das relações de poder que reproduzem ou não a hegemonia no discurso. Como e por quais motivos as relações de poder se originam no discurso e podem ser modificadas. Um modelo, pois confere analisar a própria prática social como uma forma de luta hegemônica. Assim, a análise da hegemonia engloba tanto o discurso que pode manter ou modificar os consensos e alianças decorrentes da hegemonia quanto o discurso como prática social pode ser investido de luta e transformação.

A transformação das estruturas sociais através da mudança discursiva é um dos objetivos da Análise de Discurso Crítica. A análise das formas de dominação efetivadas pelas ideologias e hegemonia presentes no discurso e sua explicação visam minar as desigualdades da vida social. Assim, um objetivo explícito da teoria se faz presente nas investigações que utilizam a ADC: estudar um fenômeno relevante a fim de não só compreendê-lo, mas modificá-lo para melhorar as condições de vida das pessoas.

6. 3 INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE

De acordo com Bessa e Sato (2018), a análise na ADC ocorre de modo a considerar a materialidade do texto. Isso significa que as escolhas de palavras, coerência, coesão, metáforas são importantes para compreender como a linguagem pode modificar ou perpetuar ideologias.

Além disso, dois conceitos fundamentais para a análise de textos são a intertextualidade e o interdiscurso. Através deles, nota-se como outros textos e outros discursos podem surgir no discurso analisado. Intertextualidade, segundo Fairclough (2016), inicialmente foi utilizado por Kristeva como possibilidade de apresentar ao Ocidente as ideias de Bakhtin. A principal ideia do conceito refere-se ao fato de que textos evocam outros textos. Os textos utilizam de outros textos do passado para existir, fazendo modificações, como incorporação, refutação, negação. Nas palavras de Fairclough (2006, p. 143)

A intertextualidade é a fonte de grande parte da ambivalência dos textos. Se a superfície de um texto pode ser multiplamente determinada pelos vários outros textos que entram em sua composição, então os elementos desta superfície textual não podem ser claramente postos em relação à rede intertextual do texto, e seu sentido pode ser ambivalente; diferentes sentidos podem coexistir, e pode não ser possível determinar 'o' sentido.

Embora indique a importância da intertextualidade para a ADC, Fairclough reconhece e ressalta como essa característica dos textos pode comedir a busca por um sentido único e total. Atentar as ambiguidades e até mesmo as incoerências do texto significa atentar para a intertextualidade. O autor pondera a sua relação com a hegemonia, sendo esse o foco da sua argumentação em favor do conceito de intertextualidade.

A escolha de textos anteriores para compor o texto a ser desenvolvido acontece de várias formas. Um dos aspectos que pode influenciar é a luta hegemônica. Quais textos foram silenciosamente escamoteados ou quais foram destacados pode indicar como os textos reafirmam ou contestam hegemonias. Nesse sentido, a escolha por participantes brancas foi uma estratégia para retirar o silêncio cômodo das pessoas brancas a respeito do racismo e trazer suas palavras para análise.

Observar como a intertextualidade desenrola-se e quais são as vozes de outros textos, evocadas ou não, me parece ser um modo produtivo de fazer ciência. Porém, ao longo do processo do mestrado, senti a necessidade de colocar em palavras reflexões e sentimentos que não entendia muito bem. Alguns tive a capacidade de expressá-los por mim mesma, outros, recorri as letras do CD ‘Sobrevivendo no Inferno’ dos Racionais MC’s.

Ao retomar o texto das letras, pensava como tais trechos exteriorizam o que não conseguia e, por isso, julgava importante retomá-lo. Não é condizente com a noção de intertextualidade propor apenas um único sentido para a presença das letras na apresentação e no capítulo de racismo. A polissemia que tais partes da dissertação expressa é um convite para quem lê, compreender, através do seu próprio repertório textual, os sentidos.

Com isso, não nego a intencionalidade de resgatar as letras, nem a necessidade de coesão e coerência no texto ao incorporá-las. Apenas penso que elas dão vazão aos momentos em que tive que silenciar, por estratégia ou por contra a minha vontade. Por isso, pode parecer difícil entender tais momentos na dissertação, não há explicação minuciosa com o objetivo de oferecer apenas um único sentido.

Se a intertextualidade pressupõe as vozes de outros textos, a interdiscursividade é o conceito que remete a presença de vários discursos no texto. Bessa e Sato (2018) defendem que todo texto é permeado por mais de um discurso. As entrevistas, por exemplo, são compostas por discursos variados que podem se apresentar como ambíguos, antagônicos e coerentes. Para identificar as dimensões intertextuais e interdiscursivas, necessário o trabalho

de interpretação. O analista do discurso tem que buscar compreender em quais partes do texto há indícios de outros textos e outros discursos.

6.4 A PESQUISA PAUTADA PELA ADC: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A ADC é um campo teórico-metodológico que preza pelo caráter interdisciplinar da produção de conhecimento. Por isso, interessa articular os saberes de outros campos do conhecimento para a análise do material. A partir da articulação, o pensamento sobre o fenômeno investigado é influenciado pela teoria do discurso e por teorias de outras áreas que também investigam o fenômeno.

Além desse aspecto, a crítica imbuída na ADC refere-se a um comprometimento explícito com os efeitos da pesquisa. Na escolha do tema, até a aspiração de transformação social, há indicação da implicação de quem pesquisa e como irá desenvolver o trabalho. Melo (2018) em diálogo com Wodak (2005) elenca três aspectos importantes da perspectiva crítica nos estudos: denúncia, engajamento e pedagogia.

A denúncia refere-se à capacidade de indicar quais são as ideologias e lutas por hegemonia que o discurso carrega, tornando-os evidentes. O engajamento expõe a compreensão a respeito de quem pesquisa está empenhando a uma mudança no estado das coisas, em especial aquilo que se pesquisa. Por fim, a pedagogia estaria entrelaçada com os efeitos da pesquisa aquelas pessoas que sofrem com as ideologias, fazendo com que elas possam lidar, mesmo de maneira mínima, com algum tipo de agência de si mesmas.

Identifico tais aspectos na delimitação do objeto de pesquisa, por entender que existem explicações latentes às escolhas do local para a construção do consultório psicológico e na mensagem que a imagem de si pode transmitir no cotidiano profissional das pessoas brancas que precisam ser identificadas para tentar propor uma agenda antirracista. Ao identificar como o racismo opera no consultório e na imagem profissional, espero contribuir para uma conscientização sobre as formas como o discurso a respeito de tais temas incidem na manutenção de discriminações e opressores e, a partir disso, tentar modificá-las. O engajamento, especificamente, acredito que está em propor uma reflexão sobre um espaço naturalizado no campo psicológico como ‘referência’ para a prática clínica como é o consultório psicológico. Por fim, a pedagogia da pesquisa pode estar na promessa de, a partir das suas análises, as pessoas negras podem acessar um tipo de conhecimento capaz de auxiliá-

las a entender como o racismo opera em um espaço de trabalho e, com isso, inventar formas de eliminá-lo.

O aspecto de engajamento da pesquisa faz com que entenda a minha própria influência na forma como irei abordar o objeto. As práticas sociais e discursivas incidem no objeto e incidem em mim enquanto pesquisadora. Manter em perspectiva tal condição ajuda a trilhar o caminho da investigação e condiz com o modo de pesquisar proposto pela ADC.

A maneira de proceder na análise reflete as minhas escolhas metodológicas e teóricas. Além disso, ela corresponde a uma ideia de fazer científico e suas implicações. Concordo com o argumento de Melo (2016) que põe em relevo os efeitos sociais da Ciência e a interdependência dela aos elementos externos, como por exemplo, a posição ideológica de quem conduz uma investigação.

Nesse sentido, não é possível propor uma atuação isenta, ao contrário, é preciso atentar para as escolhas inerentes à pesquisa para que haja uma coerência entre elas e os pressupostos teóricos. Também é necessário reconhecer a incompletude de quem pesquisa nas situações em que a investigação é desenvolvida com outras pessoas, como na entrevista. Lira e Alves (2016) comentam como as participantes devem ser considerados no processo da entrevista e o ponto de vista de quem conduz pesquisa é parcial. Assim, as participantes podem oferecer outras perspectivas e contribuir para o problema e pergunta da pesquisa.

Dessa forma, avalio a conversa prévia com a colega do grupo de pesquisa do qual faço parte, que está descrita no capítulo destinado à metodologia, como uma forma de materializar a ideia de que a pesquisa também é influenciada por outras pessoas. A leitura em conjunto do roteiro de entrevista contribuiu para diminuir as minhas dúvidas em relação a maneira como os objetivos da pesquisa poderiam ser compreendidos pelas participantes.

Eu tinha receio de as entrevistadas realizarem um julgamento negativo a respeito da relevância delas no processo de investigação, como se eu estivesse culpabilizando-as pelo racismo. Também tinha medo delas suporem que o interesse da pesquisa era estudar a branquitude e não como o racismo opera na construção do consultório psicológico e da imagem profissional.

Na conversa com uma colega, além dos meus receios, exploramos a organização dos temas discutidos e ela sugeriu uma pergunta que foi introduzida no roteiro. Tal momento de

preparação para a entrada no campo condiz com o proposto por Tavares e Resende (2021) ao discutirem a coerência necessária às pesquisas que utilizam a ADC como base.

A função da analista de discurso crítica é tornar mais perceptível as formas ideológicas e hegemônicas de representação do mundo através da linguagem. Porém, essa função não começa apenas quando a analista irá se debruçar sobre o material de análise, é preciso considerar tanto a forma como o material será produzido, quanto o próprio ato de investigar é permeado por ideologias e lutas hegemônicas. A produção científica sofre influência de outras práticas externas às Universidades.

Explicitar quais foram as motivações da pesquisa, posicionar as premissas de quem pesquisa e considerá-las parciais, submeter ao diálogo os instrumentos de coleta de dados são alguns exemplos de como realizar uma pesquisa implicada com os pressupostos teóricos e metodológicos da ADC. Além disso, tal cuidado pode indicar que a pesquisa é um processo contínuo e comunitário. As análises serão propositivas a uma transformação social se tiver em destaque como o fazer científico é uma forma de tentar diminuir as desigualdades.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Antes de apresentar as análises das entrevistas, tento detalhar o processo para realizá-las. À medida que ia aos consultórios, observava os trajetos, as ruas e os estabelecimentos em torno deles. Também reparava na minha imagem e em como ia apresentar a ideia da pesquisa, como iria conduzir a entrevista de modo a não atrapalhar o trabalho de quem se dispôs a participar.

As entrevistas ocorreram nos meses de novembro e dezembro de 2023 e fevereiro de 2024. Em 2023, como estava de férias do trabalho, tive mais horários disponíveis para agendar com as participantes. Neste ano, consegui conciliar duas participantes com o horário de trabalho e, para outra, faltei no trabalho para realizar a entrevista.

Todas foram previamente acordadas e consegui me organizar de modo a chegar no consultório poucos minutos antes do combinado. Em cinco entrevistas fui até o consultório de Uber e em três utilizei o BRT como meio de locomoção. Lembro do esforço para reparar quantas pessoas negras ia encontrando no caminho. Aos poucos, fui observando aspectos referentes à habitação, circulação de pessoas e protocolos para acessar os locais.

Já na ida para a primeira entrevista, comecei a comparar com o trajeto para chegar a minha terapia e quais eram as semelhanças e as diferenças. Um dia, após ter concluído todas as entrevistas e ter iniciado as transcrições, esperei por mais de uma hora no hall de entrada do empresarial onde está localizado o consultório no qual faço terapia e vaguei o olhar a fim de reparar como eram as pessoas que transitavam e trabalhavam por lá.

A porta do empresarial é de vidro e, por isso, conseguia ver uma parada de ônibus bem à frente de um hospital público. Esperava alguém aparecer, mas acabei pensando se aquelas pessoas na parada iriam se sentir à vontade ao entrar no empresarial, ou se teriam tempo para cuidar de si em um espaço chamado consultório psicológico. Uma bobagem, já que é a parada onde desço quando saio do trabalho e vou para terapia. Arrumo tempo e me sinto à vontade.

As pessoas do hall pareciam menos cansadas do que eu. Chegavam de carro, com roupas que não indicavam que estavam vindo do trabalho. Será que, sem ser naquele hall, encontraria com elas? Outra bobagem, só reparei nelas porque estava com tempo livre.

Quantas dessas pessoas têm tempo livre em um dia útil para pensar sobre roupa e aparência física?

Tempo livre, porque participei de uma reunião que não durou as oito horas do trabalho cotidiano. Se não fosse assim, chegaria no empresarial com o tempo apenas da terapia. Mesmo no processo terapêutico o tempo é considerado, controlado e torna-se parte do trabalho desenvolvido. No mestrado o tempo é motivo de preocupação e acordos.

Em 2020, quando fiz a seleção do mestrado, os dias não foram iguais. Ao contrário, pela primeira vez desde 2012, não trabalhei todos os dias. Trabalhava por escala e por seis horas devido a pandemia. Com o tempo livre, deixei meu cabelo crescer, estudei para processo seletivo do mestrado, fazia faxina toda semana no quarto e deixei de ir para terapia. Saía de casa apenas para o trabalho e para comprar comida. Os trajetos para esses lugares eram diferentes, porque tinham poucas pessoas nas ruas e elas, quando estavam lá, pareciam que não podiam organizar a vida enquanto as notícias sobre a pandemia e suas indecisões não cessassem.

Na instituição, quem trabalhava não sabia como iam ser os dias. De meses em meses, novas normativas eram informadas sem muita mudança factível na escala de trabalho. Nesse tempo, quase como se a ideia de interioridade psíquica fosse um dado de realidade, fiz dos dias o que queria fazer, sem me preocupar com todosos assuntos que me afligem e criaram algo na minha vida que tenho que me preocupar. Fiz a seleção do mestrado, porque em 2012 quis fazê-la e não fiz, não tem outro argumento para justificar. Não havia motivo para deixar o cabelo crescer, apenas fui cuidando e, com paciência, observava como ele era.

Um devaneio com erro de cálculo. Conciliar o trabalho de todos os dias com o mestrado não foi fácil. Não consegui planejar a organização entre trabalho e mestrado, mas, principalmente, não esperava que demonstrações de preconceito racial seriam tão dilacerantes ou que, na minha avaliação das dinâmicas no trabalho, um mal-estar teria tanto peso e difusão. Esqueci por um período as minhas vontades e os motivos da pesquisa.

Os objetivos pessoais do mestrado foram contemplados apenas parcialmente devido a minha sensação de inadequação às dinâmicas presenciadas e necessidade de reorganização de assuntos previstos e imprevistos durante o curso. Os sentimentos e pensamentos decorrentes

da sensação foram compartilhados com quem queria, mas faltou uma pessoa. Por motivo desconhecido, não consegui expressar o que era tão importante para mim.

Nada a fazer diante da situação. Imaginar a presença, por um tempo, ajudou a escrever o que penso. Não ajudou com a saudade. Não ajuda quando penso que talvez não o veja outras vezes.

O objetivo principal delimitado na seção de Apresentação propunha compreender a dinâmica do racismo que exerce influência na imagem profissional e no consultório psicológico através da caracterização do discurso sobre imagem profissional e caracterização do discurso sobre consultório psicológico, sendo as duas caracterizações os objetivos específicos da dissertação.

Já na etapa de transcrições das entrevistas refletia de que modo iria analisar o material, quais seriam os assuntos prioritários para contemplar os objetivos. Também como iria organizar o processo de classificação e seleção dos assuntos. Em meio às dúvidas, optei por ler o maior número possível de trabalhos acadêmicos que utilizaram entrevistas e os estudos críticos do discurso para fundamentar a análise dos dados.

No processo, compreendi que a leitura atenta e repetida seria o modo pelo qual iria selecionar e construir os tópicos para discussão e análise. Tal forma de organização foi inspirada na tese de Resende (2018) em que ela argumenta a favor de uma abordagem flexível, em que é possível delimitar, a partir do contato com os dados, quais serão as categorias de análise.

A partir dessa abordagem, li várias vezes as entrevistas e lembrei quais foram os temas que julguei relevantes já no momento da transcrição. A própria construção do roteiro de perguntas ajudou a delinear quais seriam os tópicos de análise. O deslocamento para os consultórios e o local na cidade onde os consultórios foram incluídos na análise enquanto eu estava no processo de transcrição.

A utilização de um campo teórico de outra área do conhecimento causa insegurança. Por isso, é com cautela que realizo o procedimento de análise. Não é o intuito estabelecer certezas taxativas a respeito das análises e dos assuntos discutidos, mas propor reflexões e atenção ao que é dito sobre a imagem profissional e sobre o consultório psicológico. Com cautela o desenrolar do processo de análise foi pensado e desenvolvido.

No presente capítulo, começo apresentando informações da trajetória profissional das pessoas entrevistadas e dados de gênero, faixa etária, raça e renda das pessoas atendidas. Em seguida, analiso como a imagem profissional é atravessada por ideologias e sentidos. Por fim, prossigo com a análise do consultório psicológico.

7. 1 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Para compor a seção, informo o ano de formação, o ano do início dos atendimentos clínicos e as experiências clínicas em contextos diferentes daqueles estruturados pelo consultório. As justificativas pela escolha do consultório e a área clínica também constam nesta seção.

Uma psicóloga se formou em 2016 e começou a atender no consultório em 2018. Uma entrevistada se formou em 2017 e começou na clínica realizada no consultório em 2019. Uma participante terminou a graduação em 2018 e começou a atender em 2019. Uma se formou em 2017 e começou a trabalhar no consultório em 2019. Todas começaram a atender de maneira presencial, por ser o único formato de acompanhamento no consultório até 2020.

Três pessoas se formaram em 2019. Dessas, duas começaram a atender em 2020 de maneira remota, devido a pandemia, e a terceira começou os atendimentos em 2022 com a possibilidade de atendimento presencial ou online. Uma profissional teve a conclusão do curso e o início do trabalho atravessado pela pandemia, já que em 2020 começou a trabalhar no ambiente virtual e finalizou a graduação no mesmo ano. Uma concluiu a graduação e começou a atender, apenas de maneira online, em 2021.

Pode-se concluir que as entrevistas foram realizadas com profissionais com menos de dez anos de atuação. O maior tempo de formação é de sete anos e o menor, dois anos. O trabalho no consultório ocorreu em pouco tempo após a formação superior, podendo indicar que o trabalho desenvolvido neste espaço atrai um contingente maior de profissionais. Dados do Censo de Psicologia de 2022, que contou com 20.207 profissionais de todo o país, coadunam a impressão de que o consultório é um espaço que capta muitos profissionais (CFP, 2022).

De acordo com o documento, 89,3% profissionais com até cinco anos de formado estão inseridos no mercado de trabalho, enquanto aqueles que tem mais seis anos de experiência, 93,9% exercem algum trabalho como psicóloga/psicólogo. A principal área de

atuação para profissionais recém formadas/os é a clínica, empregando 43,9% das/dos profissionais (CFP, 2022).

Embora no Censo não apresente uma definição do termo clínica, é prudente supor que tal denominação abarca as práticas psicológicas realizadas no consultório. Assim, tem-se uma estimativa que quase a metade das/os profissionais ouvidos pelo Censo trabalha com clínica no consultório.

Todas as pessoas entrevistadas relataram experiências clínicas fora do consultório. Seis realizaram estágio na clínica-escola da instituição de ensino onde cursaram a graduação e uma atuou como estagiária em uma ONG e uma exerceu a função de estagiária em uma instituição de saúde mental. Além da clínica-escola, três profissionais também experienciaram a modalidade de plantão psicológico.

O acompanhamento psicológico da clínica-escola guarda semelhanças com o proposto no consultório, como a periodicidade dos atendimentos individuais e tipos de intervenção. As principais diferenças residem na falta de autonomia do corpo funcional em decidir onde será o imóvel, pois geralmente as clínica-escolas funcionam no mesmo local das aulas, na impossibilidade de decidir a decoração da sala. Além disso, a atividade de estágio geralmente não é remunerada e o acompanhamento é limitado a carga horária das disciplinas de estágio.

A busca por estágio na clínica-escola talvez indique à vontade, ainda na formação, de trabalhar com o fazer clínico. A primeira pergunta da entrevista visava saber como surgiu o interesse em atuar na clínica.

O interesse pela clínica surge antes da graduação através das experiências com o acompanhamento psicológico na infância ou adolescência para duas pessoas entrevistadas. A experiência influencia na escolha do curso e no desenvolvimento da carreira. Os contatos com as áreas da Psicologia, o interesse pela Psicanálise e a vivência no consultório como paciente foram os principais motivos da vontade em atender em consultório existir.

Pereira e Neto (2003), ao resgatar a história da Psicologia a partir do seu processo de profissionalização, indicam que desde início da Psicologia no país a clínica apresentava-se como importante para a consolidação da profissão. Ainda analisam como a clínica do consultório pode indicar ideias no trabalho, ao possibilitar uma liberdade de condições de

trabalho, como por exemplo, horas trabalhadas, quantidade de atendimentos por dia e valor da sessão.

A pandemia afetou e alterou a forma dos atendimentos, pois impediu o trabalho presencial, sendo alternativa disseminada o acompanhamento on-line. Tal configuração, obrigou mudanças na ideia de ambiente sem prévia reflexão acerca das suas implicações. A única possibilidade de atuação, entre 2020 e 2021, era o atendimento de maneira remota. O ambiente virtual de acompanhamento inaugurado em 2020 perdura até o momento e pode ser mesclado com o modo presencial.

7. 2 DADOS DA CLIENTELA: GÊNERO, FAIXA ETÁRIA, RAÇA E RENDA

Para a construção do tópico, utilizei os dados obtidos das seguintes perguntas:

E sobre a clientela que te procura, como você a define em termos de renda?

Qual a faixa etária predominante?

E identidade de gênero?

Quanto à raça, como você define a maioria dos clientes?

O objetivo das perguntas é mapear algumas características das pessoas atendidas para entender quem são as que procuram o trabalho clínico desenvolvido no consultório. Sete participantes informaram que a maioria das pacientes são mulheres, e um definiu como variada a identidade de gênero do público atendido. Em termos de faixa etária, duas responderam que atendem dos 20 aos 30 anos, três responderam que costumam atender pessoas dos 20 aos 35 anos, uma respondeu dos 20 aos 50 anos, uma respondeu dos 25 aos 40 anos e uma respondeu dos 18 aos 40 anos.

Em termos de raça, seis responderam que a maioria é branca, uma respondeu que é dividida entre branca e negra, e um respondeu que são variadas as raças. Já o quesito renda gerou respostas que definiam as pessoas como “classe média”, “pobres”, “recebe até um salário mínimo”, “variada a renda” e “condição financeira mais alta”.

A maioria das respostas, no quesito renda, pode indicar a dificuldade em classificar as pessoas atendidas em classes sociais. Além disso, a reflexão sobre a renda inclui comentários a respeito do acordo entre as partes sobre o valor das sessões e da renda familiar das pacientes, já que alguns participantes explicaram que geralmente os acordos têm como

uma das justificativas a necessidade da paciente em ter obrigações com as despesas da família. Dito de outra forma, a renda das pacientes é inferida por quanto elas conseguem pagar pela sessão e pelos acordos do valor.

Conforme as respostas, é possível observar um padrão no perfil do público atendido. A maioria da clientela é formada por mulheres brancas jovens ou adultas. Schucman (2014) indica que a maioria dos profissionais de Psicologia e pesquisadores da área são brancos. Dessa forma, o campo psicológico perpetua as desigualdades raciais.

Pode-se perceber que, além da maioria dos profissionais de Psicologia serem brancas, a maioria das clientes, segundo as respostas, são brancas. Não foi objetivo debruçar sobre tais informações, mas convém ressaltar o pouco acesso das pessoas negras a um serviço que ajudou a consolidar a Psicologia no país e que mantém grande contingente de trabalhadores desde a saída da graduação.

7.3 IMAGEM PROFISSIONAL

Para a elaboração deste tópico, divido o tema de imagem profissional em dois subtópicos: imagem profissional e imagem da Psicologia no Instagram. Não é o objetivo proceder com análise imagética dos perfis do Instagram, no sentido de identificar como elas podem ter influência do racismo. Aqui, interessa investigar quais são os sentidos que as psicólogas buscam quando decidem criar conteúdo para a rede social.

Como argumenta a ADC, a teoria se debruça sobre as semioses, não apenas a linguagem. Disso, as imagens e vídeos da rede social também indicam ideologias e lutas hegemônicas, além de transmitir sentidos, seja de maneira intencional ou não. As respostas das entrevistas partem de perguntas a respeito da mensagem que desejam atingir com as publicações no Instagram no subtópico de imagem profissional e qual seria a imagem condizente com a Psicologia no Instagram.

As primeiras aproximações com o tema imagem profissional aconteceram pela pergunta da imagem no Instagram. Por ter sido o meio escolhido para listar os possíveis participantes, comecei sondando a noção de que imagens e vídeos transmitem sentido e comunicam sobre o fazer clínico, os profissionais. Associada a esta pergunta, perguntei qual a opinião sobre os perfis de Psicologia, no sentido de saber quais conteúdos julgam interessantes para compor a identidade de Psicologia na rede social.

As perguntas posteriores focalizaram a aparência física na sua interface com o trabalho e a aparência física enquanto um componente da relação com a paciente. As respostas formaram um mosaico de possibilidades de entendimento a respeito da imagem profissional e suas interconexões com o trabalho.

7.4 IMAGEM NO INSTAGRAM

Neste item, as perguntas norteadoras foram:

Qual imagem você gostaria que o Instagram passasse para a sua clientela?

O que seria um Instagram com cara de Psicologia para você?

As entrevistas se valeram do roteiro prévio, em que constavam tais perguntas. Porém, cada entrevista é única, de modo que as perguntas serviram como base para a construção dos dados e não um padrão fixo na condução da entrevista. Com isso, frisa que as perguntas podem ter sofrido algum tipo de alteração na formulação, mas o sentido se manteve. Para iniciar a análise, utilizo um recorte da sexta entrevista.

Psi.6: Eu gostaria que as pessoas pudessem me conhecer e aí eu falo isso num ponto de vista amplo mesmo, me conhecer um pouquinho profissionalmente, um pouquinho o que eu penso, um pouquinho quem sou eu...é...talvez não só psicólogo, tipo eu já postei coisa nada a ver com Psicologia também é...sei lá, já postei de um livro que eu li então assim, talvez me conhecer um pouquinho quem eu sou e aí...eu sou muito noiado na verdade...eu tenho...eu me coloco muito separado assim, isso aqui é eu profissional isso aqui sou eu pessoal é...até o meu Instagram pessoal é fechado, eu não deixo ninguém entrar, assim só quem eu quero que entre e o meu Instagram profissional é público **porque a minha imagem enquanto profissional é pública** então eu procuro no meu Instagram profissional é...talvez dar algumas palhazinhas de como é que eu sou para além de ser psicólogo, porque eu sou psicólogo também mas eu também sou outras coisas, então eu acho que a pessoa...a minha proposta é que as pessoas possam me conhecer, nem muito pessoalmente porque também eu não me permito...

Sim

Psi.6:...mas também um pouco profissionalmente porque eu acho que essa é a minha intenção de ter um perfil profissional **é que as pessoas possam ter alguma noção... [diz seu nome] pode ser psicólogo**, o que é, como faz, onde faz, onde anda, mais ou menos assim

A partir do trecho acima, pode-se notar a influência de duas preocupações. A primeira é se apresentar enquanto profissional, mas também apresentar seus gostos e

características não diretamente relacionadas à profissão. Existe um limite para expor outras facetas de si, pois entende que a imagem profissional não lhe pertence, quando diz que ela é pública.

Além disso, o sufixo ‘inhas’ na palavra ‘palhazinhas’ pode indicar que serão apenas pistas de si veiculadas no perfil profissional. As palhazinhas e as informações profissionais constroem a imagem profissional e visam comunicar a identidade. Ao dizer seu nome, pode-se ponderar que a imagem apresentada no Instagram é condizente com a identidade pessoal e está em consonância com o trabalho desempenhado no consultório.

Mais duas pessoas, ao responder à pergunta, fizeram referência ao seu nome, como forma de indicar que a imagem no Instagram deveria ser também atrelada a quem são. Schucman (2020) observou um leque maior de respostas das pessoas brancas do que as pessoas negras quando, em conversas informais, foram questionadas sobre sua raça. A autora justifica as respostas a partir da explicação centrada na dificuldade das pessoas brancas têm de perceber (ou assumir) sua raça. A liberdade maior de responder qual raça se identifica talvez tenha pontos de semelhança com a resposta que insere o nome para indicar que a imagem no Instagram deve ser também uma imagem que transmita a sua identidade.

As pessoas brancas podem ser quem são ou podem descobrir quem são sem serem vítimas de discriminação racial¹⁴. O racismo, enquanto ideologia, impede às pessoas negras a existência sem discriminação e permite às pessoas brancas experiências de vida em que as suas identidades não correm riscos. Um dos possíveis resultados pode ser a facilidade com que expressam sua individualidade na conta profissional do Instagram e conseguem mesclar com informações profissionais.

A individualidade das pessoas brancas, porém, não pode ser dissociada do racismo, já que a hierarquização das raças proposta pelo racismo cristaliza concepções sobre as individualidades. O cabelo liso, por exemplo, como sinônimo de beleza ou de profissionalismo pode criar modos de experienciar a individualidade que, em princípio, não são compreendidas como decorrentes do racismo. Apenas quando o esforço em explicar os

¹⁴ Importante frisar que a dissertação não debate outros tipos de discriminação que podem ser sofridas por pessoas brancas.

motivos de sempre serem considerados bonito o cabelo liso pode ocorrer algum tipo de associação com o racismo.

Outras respostas, mais diretamente relacionadas ao trabalho, também formam os resultados. Na quarta entrevista, a resposta foi

Psi.4: Eu penso que enfim...uma profissional acho que ética, organizada, né, enfim...tenho esse cuidado e acho que isso é mais recente assim **de não ficar uma escrita muito para pares, né?**

Humrum.

Psi.4: Um pouco isso também e...enfim...acho que é isso, tento também ter **uma visão mais ampla, né, também do sujeito, também não queria ficar aquela coisa, né, enfim, fechadinha**, mais ou menos isso que eu tento, mas vivo meio em crises assim porque **difícil passar tudo isso pelo Instagram, né**

‘Para pares’ indica a presença do discurso científico na entrevista. Tal expressão é utilizada como uma forma de comunicar a quem pesquisa que o material (geralmente artigo científico) foi submetido à apreciação de pares de pesquisadores com notório saber na área. No trecho acima, pode significar um cuidado em não restringir a compreensão do conteúdo divulgado no Instagram apenas para profissionais da área. Embora o campo psicológico almeje o status de Ciência, a divulgação científica precisa atentar para os modos de transmissão do conhecimento caso pretenda democratizar o saber científico.

No decorrer da resposta, aparece também a preocupação de não fechar a compreensão do sujeito. Novamente, o sufixo ‘inha’ pode indicar na palavra ‘fechadinha’ uma visão ideológica da Psicologia hegemônica, em que o discurso biomédico pauta as compreensões dos fenômenos subjetivos. Ao tentar trabalhar por outra perspectiva, a entrevistada relata a dificuldade em utilizar o Instagram para propor alternativas ao modelo hegemônico na Psicologia.

Uma imagem de si preocupada com a comunicação no Instagram é representada na entrevista, ao apontar a criação de conteúdo como um trabalho vinculado ao desenvolvido no consultório. Sobre a plataforma Instagram, uma resposta de outra participante amplifica o debate.

Psi.2: Com uma musiquinha bonitinha, mas eu não quero uma música bonitinha, entendeu? Eu quero que as pessoas leiam o que eu tou escrevendo

porque faz sentido, tem lógica, sabe? E aí assim eu acho que eu queria que o Instagram entregasse uma imagem...ética minha, sabe? Uma imagem de...não sei, de um profissional que não tá ali naquele espaço pra captar paciente...era captar paciente que eu ia falar...captar pacientes...mas como uma imagem de um profissional que eu sou, sabe? Porque às vezes eu acho que o Instagram tem um pouco disso...ele coloca é...como eu posso explicar...ele entrega o que ele acha relevante.

É ele que julga.

Psi.2: Ele que julga o que é relevante e aí vai chegar para as pessoas isso e aí eu fico pensando assim, inclusive são coisas que eu penso assim ‘O que é que o Instagram entrega meu?’, né...porque às vezes as pessoas chegam assim pra mim aí falam ‘não, porque eu achei teu perfil’ e tal. A primeira coisa que eu penso assim é: ‘por onde que foi, esse meio assim?’ Normalmente assim eu até pergunto pra paciente que chega...‘você chegou até mim por onde, como é que foi o meio?’

Não saber e/ou não poder controlar o alcance do conteúdo produzido e muito menos como será a divulgação é um fator que gera preocupação para a psicóloga e influência na sua imagem e primeiros contatos com as/os pacientes. Uma imagem de profissional ética talvez não seja compatível com uma imagem profissional no Instagram cujo objetivo principal é captar pacientes. No entanto, um dos objetivos da conta profissional é divulgar o trabalho. Como, então, balancear os objetivos?

A resposta só poderia ser elucidada, suponho, caso houvesse certeza da forma como o Instagram divulga o conteúdo. Dada a incerteza, a estratégia utilizada pela psicóloga é perguntar como a/o paciente soube do seu trabalho.

A preocupação com a imagem ética no ambiente virtual também apareceu em outras respostas.

Psi.1: Hm, eu acho que eu posso tentar escutar elas, no sentido de tentar ajudar a partir da minha escuta, do meu trabalho e de que eu sou uma pessoa ética, acho que isso.

Psi.8: Nunca pensei nisso...verdade...não sei...ética talvez acho que é a minha maior preocupação em não atravessar uma outra ponte ali que eu não respeite...

Na primeira resposta, a psicóloga utiliza o ‘e’ como forma de adicionar a questão ética no trabalho de cuidado e escuta associados à imagem no Instagram. O advérbio ‘nunca’ na segunda resposta pode indicar surpresa ao ter que indicar qual imagem gostaria de ser expressada no Instagram. Já o adjetivo ‘maior’ para caracterizar a sua preocupação, talvez

indique que a imagem profissional, seja no Instagram ou no consultório, precisa transmitir um sentido ético.

Na possível análise do trecho acima, pode-se aproximar a ideia de ética à ideia de respeito, considerando a metáfora empregada pela psicóloga. Segundo Fairclough (2016) a utilização de metáfora nos textos indica a maneira como a pessoa constrói a realidade de uma maneira em que a metáfora faz sentido. Outra resposta também se valeu de uma metáfora para explicar qual imagem gostaria de transmitir no Instagram.

Psi.7: De acolhimento, de receptividade, né, que aquela pessoa se sentisse acolhida ali naquele momento e soubesse que é...**a terapia né, seja um caminho para ela encontrar as soluções ou...ou...ou...estratégias, possibilidades para ela conseguir ali encontrar caminhos mais saudáveis pra pra...vida dela.**

As duas respostas utilizam a ideia de percurso para descrever o que entendem por terapia (resposta da sétima psicóloga) e por postura respeitosa (resposta da oitava psicóloga). Ao fazer uma metáfora com a ideia de ponte e entender que, às vezes, atravessar a ponte depende da disponibilidade de quem está no consultório como paciente, a psicóloga entrevistada dá pistas que o trabalho na rede social pode ser entendido como um contínuo do trabalho no consultório. Respeitar a travessia da ponte já no espaço virtual pode influenciar na escolha dos assuntos e no modo como abordá-los, seja no Instagram, seja no consultório.

A postura de respeito da oitava psicóloga pode dialogar com a resposta da sétima psicóloga, complementando a imagem profissional no Instagram. O respeito pelo percurso de quem está em processo serve para trilhar um caminho no qual possa encontrar modos de vida mais saudáveis. Nesse enquadre de imagem, tem-se um dos objetivos da clínica psicológica. Nesse sentido, a imagem do Instagram pode confluir com o objetivo da clínica.

A pergunta a respeito da cara da Psicologia segue o conteúdo da resposta sobre qual imagem gostaria de transmitir no Instagram. Duas respostas apresentam algumas considerações latentes sobre a manutenção da imagem e produção de conteúdo.

Psi.3: Eu pausei, né, porque conta dessa questão aí, insegurança de escrever e tá colocando ali e não só uma insegurança, **mas uma cobrança de tá produzindo pra rede social, né, porque é um trabalho, ninguém chega ali e brota e escreve qualquer coisa, pelo menos eu não acho...não seria algo que eu faria, até deve ter gente que escreve qualquer coisa, né, mas eu não penso assim pelo cuidado que eu tenho, né,** porque é um Instagram

profissional, né, ainda mais...mas eu acho que um Instagram profissional hoje de Psicologia seria um Instagram assim, né, que falasse sobre cotidiano, sobre questões clínicas, sobre vida, eu vejo muito mistura, né, entre enfim, a vida do profissional e o profissional e sobre os projetos, sobre as leituras, vejo também muita indicação que eu acho muito legal, né, indicação de filme, de livros, de eventos na cidade, eu penso que seria muito nessa lógica, né, um lugar, um espaço de diálogo com outros psicólogos e possíveis pacientes ou enfim um espaço de indicação de coisas legais que a pessoa tá estudando, produzindo, né...um espaço de compartilhar, não necessariamente um espaço formal e apático, mas um espaço de compartilhar.

Quando explica a criação de conteúdo como trabalho, a psicóloga apresenta uma faceta questionada ainda de maneira incipiente. Manter uma conta profissional na rede social é um trabalho assim como manter um consultório privado, com demanda de organização, planejamento e estudo. Escolher mostrar a imagem na rede social implica em aglutinar mais horas trabalhadas.

Construir espaço de compartilhamento no ambiente virtual também sinaliza a capilaridade da internet em direcionar ações que poderiam ocorrer nos espaços públicos de maneira presencial. A face positiva é a disseminação rápida dos conteúdos e possibilidade de trocas com outros profissionais, mas, na Internet, existem maneiras específicas de produzir conteúdo, baseadas em tendências. A respeito disso,

Psi.6: Então...o que eu gostaria de vê em perfis de Psicologia...de psicólogos é assuntos de Psicologia eu não tenho muito interesse de vê outras coisas não assim vida pessoal demais **eu não tenho interesse é...sabe...dancinha eu não tenho interesse em vê dancinha....Tik Tok...no Instagram é...aquelas brincadeirinhas ‘o que é isso, o que é aquilo’ aí fica apontando assim e aparece a legenda tenho muito interesse não**, eu gosto de vê mais assim reflexões, eu acho que o Instagram pra mim é uma forma de me **manter conectado a distância de pessoas do meu meio entendeu**

O psicólogo, pela via da negação, expõe como a produção de conteúdo em Psicologia deveria primar pela reflexão. Mais uma vez, o sufixo ‘zinha’ na palavra brincadeira pode indicar uma forma de deslegitimar a maneira mais difundida de produzir conteúdo. A plataforma novamente na resposta é colocada como um espaço para unir os profissionais de Psicologia, mesmo à distância.

Das respostas apresentadas, pode-se observar que a forma como a imagem profissional será apresentada importa, assim como o tipo de conteúdo e a forma da escrita. Além disso, o objetivo da mensagem veiculada por imagens precisa estar de acordo com os objetivos do trabalho desenvolvido no consultório.

7.5 IMAGEM COMO APARÊNCIA E PREOCUPAÇÃO

Neste tópico, apresento e analiso as respostas e reflexões da pergunta sobre a preocupação com a aparência física. A pergunta norteadora foi:

E em termos da sua aparência, algo te chega como preocupação?

Em algumas entrevistas, surgiram dúvidas a respeito de qual tipo de preocupação estava perguntando e tentei deixar o mais abrangente possível o entendimento. Na oitava entrevista, por exemplo,

Psi.8 Não, eu me preocupo com...obviamente que eu não venho com...**não quero estar desorganizada, mas assim eu me preocupo primeira preocupação é literalmente eu tá confortável, eu vou passar o dia todo** então hoje eu penso muito mais no conforto, **não vou mentir não, obviamente eu penso em tá, pra mim, o que significa organizada, tudo isso, mas de resto não**

Organizada para tu seria o que assim?

Psi.8:**Cabelo penteado, botar uma maquiagemzinha** na cara que é quase nada, só pra num tá com cara de cansada ou coisa do tipo...só...

Os recursos de negação aparecem mais uma vez na resposta, talvez como forma de indicar a prioridade na preocupação com a aparência. O trabalho, enquanto prática social, exige alguns parâmetros, como horas trabalhadas e dedicação de atenção. Na fala acima, observo como tais parâmetros exercem influência na aparência. A principal preocupação é estar organizada, segundo seus próprios critérios, pode indicar certa liberdade em escolher seus parâmetros de vestimenta e aparência.

A utilização da palavra ‘penteado’ e sufixo ‘inha’ em maquiagem talvez possa indicar que a preocupação com a aparência não traz lembranças de desconforto ou sofrimento. Informar que o cabelo será penteado talvez indique que existe a preocupação com ele, mas ela não se dá por motivos que têm o racismo como base.

Ao longo da dissertação, o cabelo como um traço da negritude e alvo de piadas foi tematizado na Apresentação e, no capítulo teórico acerca do Racismo, exposto como uma das maneiras que o racismo atua no trabalho quando há a pressão para alisar ou a percepção que o tipo de cabelo interfere na postura profissional. Novamente, o racismo, enquanto ideologia, parece suavizar as preocupações com a aparência das pessoas brancas.

Um dado relevante apareceu e sinalizou um tipo de preocupação não prevista na construção do roteiro.

Psi.2: É só isso assim, a minha preocupação é assim de **não expor...expor o mínimo o meu corpo**, né...eu tenho pacientes homens...às vezes eu atendo um primeiro paciente que eu não sei quem é

A preocupação em expor o mínimo do corpo decorre, neste caso específico, não do racismo, mas do sexismo. Gonzalez (2020), ao ponderar sobre essas duas dimensões na cultura brasileira, aponta os lugares específicos em que a mulher negra pode ocupar. Trabalhos de serviço como cozinheira, empregada doméstica remetem a função de mucama do período escravocrata. Nele, uma mulher negra escravizada era escolhida para realizar os serviços de casa e acompanhar as pessoas da família.

A partir da reflexão dos lugares das mulheres negras na cultura brasileira, a autora desenvolve explicações das atualizações da forma de se relacionar com as mulheres negras pós abolição da escravidão baseadas na imagem da mucama. Nas suas palavras:

E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação e mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego, é uma categoria “branca”, unicamente atribuível a “brancas” ou “clarinhas”). (Gonzalez, 2020, p.82 e 83)

Do trecho acima, talvez seja possível concatenar as duas respostas anteriores. A preocupação em não expor o corpo e possuir um sentido próprio para se apresentar se aproximam e se distanciam das vivências das mulheres negras. A aproximação decorre do desassossego com o corpo, compreendido como alvo de abusos e violências sexistas.

Já a distância é revelada pela dificuldade das mulheres negras em serem dissociadas da ideia de mucama, independente da sua aparência, vestimenta e renda. A ideia de servidão permanece pelas ideologias racistas e sexistas, pelo racismo estrutural e nas instituições em que o racismo institucional consegue manter hierarquias, até mesmo entre mulheres.

A imagem fortemente atrelada às funções de cuidados domésticos, como mucama ou empregada doméstica, interfere no julgamento e na valorização profissional das mulheres negras, sendo está uma faceta do racismo enquanto ideologia. Nesse sentido, as mulheres negras que desejam e conseguem trabalhar em consultório psicológico poderão, não poucas

vezes, esbarrar na ideia que não pertencem ao espaço ou não são capazes de desempenhar o trabalho.

Com isso, pode-se compreender que a imagem de quem trabalha no consultório transmite um sentido carregado de ideologia e passível de julgamento. A respeito do julgamento através da imagem que a aparência denota:

Psi.6: Porque isso vai fazer com que...isso interfere na...na...[silêncio] acho que isso interfere é...interfere no dinheiro digamos assim porque...

Humrum.

Psi.6: ...dependendo da forma como eu me apresente, aparente, né...minha aparência para as pessoas, pode ser que a pessoa não goste ou me julgue pela minha aparência literalmente me julgue pela minha aparência e não fique assim, né, queira procurar outro profissional e isso implica que isso vai afetar a minha... em questão financeira

Humrum.

Psi.6: meu...meu...minha renda, né

Sim.

Psi.6: ...pra mim isso é uma preocupação porque...dinheiros

Neto (2010), ao investigar a formação profissional, caracteriza a clínica realizada no consultório como interessada nos aspectos intrapsíquicos do sujeito e de caráter liberal que tem como público alvo as classes médias. No trecho acima, não é o aspecto intrapsíquico destacado, mas o interpessoal, demonstrando a sua importância tanto para o processo terapêutico quanto para a renda do profissional. O caráter autônomo é influenciado pela aparência de quem trabalha. A aparência, por sua vez, guarda estreita relação com traços corpóreos e o que deles é possível evidenciar das hierarquias racistas e sexistas.

7.6 IMAGEM, APARÊNCIA E INTERAÇÃO

No último tópico sobre imagem, apresento as respostas derivadas das perguntas:

Você considera que há aspectos na sua aparência física que facilitam a interação com seu cliente?

Você considera que há aspectos na sua aparência física que dificultam a interação com seu cliente?

Das respostas, duas enfatizaram o aspecto etário como motivo de preocupação. Mais precisamente como alguns adereços, como piercing, ou a própria idade podem interferir de modo negativo quando atendem pessoas mais velhas. Uma psicóloga lembrou que geralmente escuta comentários sobre a sua idade, mas não são determinantes no seu trabalho e a profissional cuja resposta refere-se aos adornos apenas apresentou algumas suposições, sem informar se de fato já ouviu algum comentário a respeito da sua aparência física. Exponho as duas na sequência para poder debruçar sobre as demais.

Tu considera que há aspectos na tua aparência física que facilitam a interação com teu cliente?

Psi.7: Não, mas talvez, né, **dependendo da...do...cliente...**por exemplo, se eu atendo uma pessoa mais velha, eu tenho um piercing pode ser uma problemática, nunca foi, mas eu atendo **uma pessoa mais jovem, uma pessoa...**ela vai dizer 'ah, eu consigo me identificar com ela porque ela tem um abertura maior' e tal, mas assim não consigo lembrar...não...isso não acontece sabe, não aconteceu tipo de uma pessoa mais velha não querer ser atendida por mim ou ter algum preconceito por conta disso, nunca aconteceu.

É...tu acha que existem aspectos que dificultam a interação?

Psi.8: **Ah sim...é...**quando pessoas mais velhas me procuram aí elas **ficam meio...**cabreiras assim, **falam uma vez...**essa daí que eu até comentei, né, do boleto emocional que no começo ela veio e falou 'ai, tu é tão mais nova'

Ri.

Psi.8: E isso aí foi sanando no decorrer do tempo, mas normalmente quando é alguém mais velho eu sempre **escuto...**aí sempre fica aquela coisa ali, assim pelo menos nunca abandonaram por esse **motivo...**nunca falaram **sobre...**mas normalmente é algo que eu escuto.

Optei por aglutinar as duas respostas porque um fato interessante ocorreu com as outras seis respostas: todas expuseram, ainda que de maneira vaga, alguma influência do racismo na tríade imagem, aparência e interação. Infelizmente, a citação direta das seis respostas aqui poderá impactar negativamente a leitura tornando-a cansativa. Porém, acredito que tais respostas são um material empírico relevante.

Psi.1: Eu acho, assim, é foda, eu acho, eu acho que assim, **a questão de...tipo,** quando tu me procurou, né, eu comecei a pensar algumas coisas e tal. E aí eu penso que assim, das pessoas que eu atendo tipo assim, três pessoas são negras, o resto todo mundo é branco. **É...eu acho que...isso** é curioso porque eu atendo vinte e poucas pessoas e três são negras?

Tu atende quantas?

Psi.1: Vinte e poucas...e três são negras, **tipo assim...como assim, né? Eu não sei...tipo**, eu acho que isso tem um impacto. Eu já escutei uma vez, um homem negro...ah, eu participei de um coletivo também quando eu me formei e ele falou que gostou de mim, mas que queria ser escutando por outro homem negro e eu 'não, tudo bem' e **tal...aí** outra menina também, mas eu acho **que...não sei...é foda...assim...porque...**eu acho que as pessoas que me procuram são pessoas que são majoritariamente brancas e são pessoas que tem uma condição financeira mais alta.

Humrum.

Psi.1: Entende. Porque eu tava pensando nisso, tá tem três pessoas que atendo que são negras. É...por que elas me escolheram, sabe? **Não sei também...algo da transferência que também ainda não surgiu, mas é...eu acho que é mais ou menos por aí...não sei...é delicado falar sobre isso.**

Sim.

Psi.1: Porque é um tema que a gente fica 'porra, velho...'
É uma nebulosa, né.

Psi.1:É...tipo, tem coisas que a gente vê na clínica assim, eu vejo na minha clínica, tipo o público que é a minha clínica e tal, também pelo bairro que eu trabalho, tipo eu sei que tudo influencia assim e **eu sei...eu sei...e...sei lá...num sei, é muita coisa que envolve eu acho...**o que as pessoas me procuram. Num sei, tem um colega meu do mestrado, a gente conversa muito sobre isso e aí ele tá...ele se formou há menos tempo do que eu.

Psi.2:**Nunca pensei sobre isso...nunca parei pra pensar sobre isso, interessante...que facilita assim?...a interação tu fala com o paciente ou com as pessoas em geral?**

Com os pacientes

Psi.2: Com os pacientes...

Só o pessoal daqui do consultório

Psi.2: Não...não sei dizer na verdade...se tem algo que facilita a minha interação com eles...rapaz, se tem, eu não consigo perceber, sabe...o que acontece é...às vezes, né que eu tenho pacientes negros...

Sim

Psi.2: E aí esses pacientes eu percebo **que...é...antes deles chegarem, eles já falaram que pensaram em buscar é...um...analista negro também...**

Humrum

Psi.2: Por mim super compreensível assim, inclusive até falei 'ah, se você quiser contato eu tenho, se você se sentir mais confortável' e aí enfim não

quiseram, continuam...mas às vezes eu percebo que há uma frase assim que se repete em todos eles **assim...tipo** ‘tu tá compreendendo o que eu tou dizendo?’ ‘tu tá entendendo o que eu tou querendo dizer assim sobre isso?’ Como eu trabalho com a Psicanálise, não é necessariamente sobre isso, né...eu não preciso entender sobre coisa...mas eu percebo assim que há essa questão, né assim mas no geral eu acredito que **não...não há nada...não há um facilitador, sabe...**

Entendi. É...tu considera que aspectos na tua aparência física facilitam a interação com teu paciente, com quem chega aqui?

Psi.3: Não.

Não? E o contrário, tu acha que existe aspectos da tua aparência física que dificultam a interação com os clientes, pacientes?

Psi.3: Olha, vamos lá, isso é bem interessante, por exemplo, teve uma paciente minha [fala o nome do coletivo] que eu trabalho com duas psicólogas negras que ela **quando....**veio através [fala o nome o coletivo]...hoje ela é minha paciente aqui, ela foi atendida no plantão lá e hoje eu atendo ela aqui até hoje que ela fez ‘poxa, três psicólogas, duas negras, eu fui atender logo pela branca.’ Ri. E aí eu dei uma gaitada porque ela veio me falar isso muito tempo depois, só que ela disse que que bom que ela teve esse espaço, hoje ela consegue perceber que hoje ela consegue falar isso, consegue ser escutada, apesar d’eu ser uma mulher branca, né, porque ela também conhece o meu percurso aí de estudo e tipo o meu posicionamento social e político, né.

Psi.4: Nunca tinha pensado sobre isso, mas pode ser que sim, né, ou facilitem ou dificultem também, né.

É que seria a próxima pergunta que tem...ri...algo na tua aparência que dificulta

Psi.4: Pode ser que sim, mas ainda não pensei assim sobre, né, nunca foi dito também, **mas pode também ser simbólico, né, não ser tido, mas...**

Psi.5:**Passa de novo por um lugar...eu acho que por um lugar de raça também. Se for uma pessoa negra, talvez...vou nem falar negro, vamo falar pessoa não branca, né, que tenha questões se ela vem né nessa coisa que eu represento um inimigo ou...ou...ou algo que se luta contra, talvez...né atrapalhe...**

Humrum.

Psi.5:...mas aí na transferência a coisa acontece, tenho pacientes não brancos, aliás, vários, é...e a coisa acontece, aí também vai conhecer [diz seu nome] que é analista, mas é uma pessoa também, pra galera branca acha que não muda nada não, é só identificação mesmo, tipo ‘ok, e aí’ então...

É, tu considera que há aspectos na tua aparência física que facilitam a interação com as pessoas aqui...dos pacientes?

[silêncio]

Psi.6: Olha, é, eu acho **que...eu ia falar uma coisamas...**

Pode falar, vai ficar em sigilo

Psi.6: Não, eu sei não **é...é** porque eu verdadeiramente não sei de verdade eu não sei mas eu não vou tirar isso da equação porque eu...eu apostaria que **sim...é...eu acho que...eu acho que sim pelo fato d'eu ser, por exemplo, branco eu acho que isso tem uma implicação diferente se eu fosse um psicólogo negro é...mas isso considerando a realidade que a gente vive a construção que a gente vive é, mas eu nunca senti isso assim...**

Na pele.

Psi.6: eu nunca senti isso na pele, entendeu, nunca senti

Humrum.

Psi.6: Então **eu...é** isso que eu tou dizendo assim me veio porque **eu...porque eu não acho que isso eu não eu não eu não eu não como é que eu posso dizer? eu não excludo isso entendeu**

Humrum.

Psi.6: Pra mim isso é algo que sim acho que perpassa sim mas é éé isso que eu tou dizendo assim, eu nunca eu nunca isso nunca me foi dito isso nunca me foi eu nunca senti isso mas pelo fato d'eu pelo fato d'eu saber não saber mas assim pelo fato d'eu **ter algum tipo de noção de onde eu venho então eu acho que isso de alguma forma interfere assim sabe tá em jogo acho que é mais ou menos isso é...e a outra questão é...é...eu acho que o fato d'eu ser homem e de eu ser é...um homem que eu na minha perspectiva claramente gay eu acho que isso aproxima pra que que alguns pacientes meus que me encontraram no Instagram é...que são gays talvez isso tenha sido um fator assim de identificação não sei...nunca me foi falado mas eu desconfio porque assim eles chegaram...eles me viram no Instagram não foi indicação até onde eu sei eles me acharam no Instagram eles apareceram e coincidentemente ou não são gays...**

É...

Psi.6: Então eu não excluiria isso também não da equação não

O contingente de assuntos possíveis a serem analisados a partir das respostas é bastante amplo, sendo necessário algum tipo de confluência nesta análise para os objetivos da pesquisa. Início a tentativa de análise com a observação que considero pertinente: talvez a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a conversa anterior para

agendar a entrevista tenham influenciado as respostas, como aponta a primeira psicóloga entrevistada. As duas respostas que não focaram no debate do racismo talvez possam indicar que outros aspectos influenciaram as respostas. De todo modo, não deixa de ser significativo mais da metade das entrevistas abordarem o tema do racismo.

A dificuldade de coesão das oito respostas é um elemento que desperta a atenção. Segundo Halliday (2004 apud Resende 2008) três funções podem ser atribuídas às relações lógico-semânticas entre orações que auxiliam na coesão: elaboração, extensão e realce. Elaboração refere a relação entre orações que uma explica, caracteriza a outra. Na extensão, a relação entre as orações se dá a partir da expansão de sentidos que elas podem formar. Já o realce implica uma relação em que uma oração destaca um aspecto da outra. Observo uma ausência de construções entre as orações das respostas que visam explicar ou problematizar os argumentos. Ao contrário, percebo respostas com lacunas, silêncios e espantos.

Uma hipótese interpretativa diz respeito à própria dificuldade de assumir o racismo enquanto fenômeno relevante na sociedade. Schucman (2020) pontua como a ambiguidade e a fragmentação das respostas da sua pesquisa sobre branquitude podem ser importante para compreender de que forma o racismo se faz presente na sociedade. Ao não legitimar a existência do racismo e utilizar de alusões e respostas sem coesão, torna-se difícil o enfrentamento do racismo e sua superação.

Não houve uma negação do racismo, mas também não houve uma confirmação explícita da sua influência nas interações entre a clientela. Esta nebulosa pode indicar avanço no debate racial no campo psicológico e também que a hegemonia explicativa da negação do racismo está sob ataque e, talvez, mudança.

A resposta da terceira psicóloga pode indicar o seu esforço pessoal em construir conhecimentos pautados em posicionamentos críticos sobre raça. Disso, ocorre a influência positiva na interação com pacientes negras, sendo possível um diálogo franco. Já a resposta da quinta psicóloga expõe alguns entraves compreensíveis na interação de pessoas brancas e negras. Ao lançar a ideia de inimigo ou de alguém que deve lutar contra, a psicóloga expõe uma imagem e uma metáfora carregadas de sentidos negativos destinados às pessoas brancas.

A resposta da quarta psicóloga apresenta um aspecto importante para construção do racismo: a sua força simbólica. Ao explicar que nunca lhe foi dito se havia algo da sua aparência física que dificultasse a interação e, mesmo assim, não encerrar a resposta e

acrescentar a dimensão simbólica, a psicóloga pode está se referindo ao que Jesus e Penha (2023) denominaram de mecanismos simbólicos do racismo brasileiro.

Ao pensarem a respeito da construção simbólica racista que associa lixo e sujeira às pessoas negras, os autores argumentam como a construção também atinge a identidade das pessoas brancas por supor, de modo implícito, que elas são sinônimo de higiene e limpeza. Tanto a resposta da quarta psicóloga quanto a da quinta expõem como o racismo também influencia na identidade das pessoas brancas, ao supervalorizar os seus atributos a uma condição de exclusivo a este grupo racial. Dito de outro modo, pessoas brancas não podem ser compreendidas como inimigas das pessoas negras, visto que tal concepção não ajuda no avanço da agenda antirracista.

Além disso, os aspectos simbólicos que supervalorizam a identidade branca e diminuem a identidade negra mantém em ação o racismo como ideologia e pode ajudar na atualização das desigualdades raciais. Do ponto de vista da prática psicológica clínica, parece interessante compreender como os aspectos simbólicos adentram na interação profissional e no trabalho clínico propriamente.

A resposta do sexto psicólogo sinaliza uma possível compreensão do racismo enquanto estrutura devido à fala “considerando a realidade que a gente vive a construção que a gente vive”. Indicar que a realidade é construída de uma determinada maneira de modo a sua cor de pele interferir na sua experiência pode ser uma forma de expressar o racismo enquanto ideologia e estrutura.

A resposta do psicólogo vai além e adiciona questões relacionadas à sexualidade e gênero. Trata-se da incompletude da presente pesquisa não abordar como outros marcadores da diferença como gênero e sexualidade operam na imagem profissional. Embora rico do ponto de vista explicativo, a pesquisa precisou ser delimitada e focalizar apenas uma única questão: o racismo. As respostas das pessoas entrevistadas, porém, não devem ser limitadas. Penso que quando o psicólogo expande a resposta apresenta outras facetas de pesquisa possíveis.

Nesse sentido, Favero (2020) utiliza a sua experiência enquanto psicóloga e trans para questionar as epistemologias que sustentam as práticas psicológicas e propor outros saberes não ancorados no pensamento cisgênero. Aqui, não pretendo avançar na reflexão ao ponto de sugerir outras formas de conhecimento, mas entender como o racismo pode operar na imagem

profissional e no consultório psicológico. A próxima seção terá como intuito analisar as respostas sobre o consultório psicológico.

7.7 CONSULTÓRIO PSICOLÓGICO

Nesta parte da análise, as respostas a respeito do consultório psicológico serão focalizadas. Conforme apontado no capítulo metodológico, os consultórios estão distribuídos nas quatro das seis regiões político-administrativas da cidade de Recife. A escolha do bairro e a possibilidade de mudança foram assuntos abordados durante as entrevistas, desse modo, início as análises a partir deste tópico.

As perguntas norteadoras foram:

O que foi importante para que você escolhesse atender neste consultório?

O que tu achas desse bairro onde o consultório está situado? Quais as vantagens dele? E quais as desvantagens? Quais vantagens e desvantagens do atendimento em consultório?

Se tivesse a oportunidade de escolher outro bairro para ter um consultório, qual seria? E por quê?

As respostas, de maneira geral, enfatizaram tanto aspectos pessoais quanto percepções acerca da formação espacial da cidade e suas implicações com o poder aquisitivo da população e a mobilidade. Na resposta da primeira psicóloga

Entendi. O que que tu acha do bairro que o consultório tá?

Psi.1: O bairro...

É, quais são as vantagens dele, as desvantagens...

Psi.1: É um bairro que dá...assim eu escuto muito dos pacientes...é verdade isso, é um bairro que tipo assim, **tem a praça aqui perto, então dá pra sair andando quando acaba e vai ali pra praça, às vezes eu vou lanchar** é...não sei, **é um bairro agradável, não acho...muito perigoso** aqui vou lanchar na padaria também. Então é como se pudesse assim se movimentar sem ficar muito preso, sabe?

Humrum.

Psi.1: E, eu gosto daqui. Eu acho muito agradável assim, muito legal.

Tu consegue pensar ou alguém já te falou de uma coisa ruim daqui do bairro?

Psi.1: Não...por agora não...acho que não.

É, se tu tivesse oportunidade de escolher outro bairro pra ter o consultório, tu escolheria?

Psi.1: Eu gosto muito daqui, tipo eu gosto muito dessa casa assim...Meu Deus, se eu sai dessa casa eu vou pra onde?

risos

Psi.1: É, eu penso porque eu não sei. Eu gosto muito do que a gente constrói aqui, **mas...é...não sei...não sei...não sei...eu gosto daqui.**

A avaliação do bairro traz elementos percebidos pelas pessoas atendidas no consultório e pela própria psicóloga. Com isso, pode-se pensar que talvez o local onde o consultório está localizado tenha algum tipo de influência na prática profissional. Seja uma mera percepção do bairro, seja as possibilidades de experienciar a cidade antes ou depois do atendimento.

A psicóloga faz referência a praça, indicando como um bom espaço para ir quando termina o atendimento. A divisão dos espaços na cidade e de áreas de lazer como praças guarda relação com o racismo. Barros (2019) argumenta em estudo sobre outro equipamento de lazer do Recife, o Parque de Santana, onde as pessoas negras sofrem opressões pela própria distribuição geográfica da cidade que dificulta o acesso aos espaços públicos de lazer, já que residem em locais afastados de áreas comerciais e com precárias condições de habitação.

Nesse sentido, convém pensar na distribuição de cor/raça na cidade. Segundo o CENSO demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Recife possui 1.488.920 habitantes, sendo 722.555 autodeclarados pardos e 182.546 autodeclarados pretos. Com esses dados, Recife é a sexta cidade com mais pessoas pretas.

Mesmo com número alto de pretos e pardos, as informações a respeito da raça das pessoas atendidas pelas psicólogas e pelo psicólogo revelam que ainda são poucas as pessoas negras que procuram este tipo de serviço. A própria opressão da cidade pode ser um fator explicativo e também uma preocupação no momento de escolher em qual lugar da cidade será o consultório. É o que aponta a resposta da segunda psicóloga entrevistada.

É...o que foi importante pra tu pra tu escolher atender aqui nesse consultório?

Psi.2: É...localidade...localidade....porque assim o meu...não sei se posso falar público...o meu público, os meus pacientes...eles não são...é....como é que eu posso dizer?

Classe média?

Psi.2: Isso

Ri

Psi.2: Exato, exato, tava tentando achar uma palavra...

Mais sutil, né? [ri]

Psi.2: Não são classe média, certo? Então a ideia é realmente que não seja, eu, eu...

Mas tu pensou...

Psi.2: Estrategicamente de que o centro da cidade é o centro da cidade, né, eu não tou falando de zona sul, eu não tou falando de...não tou pro lado de casa amarela, não tou por lado de...porque eu não quero assim, eu tinha espaços possíveis assim, mas primeiro, pra mim é horrível, né, eu moro em Jaboatão e aí assim questão de locomoção ia ficar horrível pra mim, então sem contar que assim, eu escutava muito 'não, mas tem que ir para esses espaços, porque são esses espaços que dão retorno e tal' financeiro, né enfim, porque são pessoas classe médias que tem um valor X maior que pode investir, mas assim a ideia da minha clínica não é essa assim sabe, eu não via sentido ir para espaços porque lá as pessoas tem dinheiro para pagar uma análise, sabe, às vezes tinha um dinheiro para pagar, mas não tinha um investimento que precisa para tá ali sabe

Pode-se notar uma relação entre a escolha do lugar e o público que a psicóloga tem intenção de atender. Além disso, as características do bairro - ser localizado no principal centro comercial de Recife - também parecem ter influenciado na escolha, já que o local possibilita uma boa locomoção para psicóloga e para quem é atendido por ela.

O centro da cidade é comparado com outros locais que, em tese, poderiam ser financeiramente mais atraentes, mas, segundo a concepção da psicóloga, não condizem com o que espera do seu trabalho. Com essa comparação, percebo que a prática profissional está relacionada com o local onde está situado o consultório, bem como exerce influência no valor cobrado pelo trabalho.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) estabelece parâmetros para os diversos tipos de serviços prestados pela categoria profissional. No caso de acompanhamento psicoterápico recomenda-se como valor médio de R\$ 425,22. Também apresenta a categoria psicoterapia individual com valor médio de R\$ 299,75. Pela resposta da segunda psicóloga talvez seja

possível ponderar que tais sugestões não são cabíveis para um tipo de público específico e que a localidade do consultório pode indicar uma estratégia para atrair pacientes.

Se por um lado o local do consultório pode ser relevante para o perfil de pacientes, por outro também pode ser interessante para propiciar condições de trabalho dignas. A resposta da quinta psicóloga talvez indique isso.

Certo. É...o que foi importante pra tu escolher atender aqui nesse consultório?

Psi.5: A mesma coisa do começo. Se eu atendesse em Rio Doce? **Talvez eu não conseguiria me manter, porque eu não teria é...**um público digamos assim que me daria subsídio de...de viver minimamente, né

Humrum.

Psi.5:...e aí isso entra numa problemática pra mim muito grande da clínica particular porque acaba que pra conseguir...é...se manter, viver, a gente acaba tendo que escolher uma classe de que atende, por mais que eu abra valores sociais, por mais que eu tenha que me paguem, né, o valor social já atendi gente em troca de...desenho, de fósforo, de tanta coisa, né...é...mas ainda assim existe esse atravessamento de tipo...precisa pagar conta e pra mim é uma grande questão exatamente...pelas...enfim por tudo que eu gosto de estudar, de ler, num sei o que, mas a minha população de Rio Doce como fica a saúde mental dessa galera, né, já pensei em abrir uma ONG lá e tipo atender nas sextas, mas eu já sei que o negócio...a demanda é tão grande que eu não supriria eu, [diz seu nome], não conseguiria sabe então tipo é uma parada de fortalecer o SUS, de lutar por...pra que a grande população tenha acesso à saúde mental, mas enfim escolher o Espinheiro é isso é tipo...de um lugar de sei lá, uma pessoa passa vê meu nome e procura ou se não uma indicação de alguém que mora perto, **os bairros aqui perto são bairros que tipo a galera tem uma grana a mais e tal sabe conseguem pagar minimamente o valor de uma sessão que não é o que o CRP...**

A condição de trabalho autônomo impõe algumas características, como a necessidade de avaliar qual local poderá dar subsídios, ponderar sobre o valor dos atendimentos para aquelas pessoas que não tem o poder aquisitivo para arcar com o valor médio sugerido pelo CRP. A reflexão da psicóloga vai além quando pondera a respeito das condições de saúde do bairro de Rio Doce, localizado na cidade de Olinda.

O bairro, na avaliação da psicóloga, não era atrativo para ter o consultório, porque não possibilitaria condições mínimas para manter autonomia financeira. Porém, a dificuldade de manter o consultório no local prejudica o acesso aos serviços psicológicos. Caso alguém do bairro de Rio Doce quisesse fazer terapia, teria que se mover para bairros nos quais os consultórios estão localizados. Isso implicaria em um deslocamento que dependeria do acesso

aos meios de transportes, sejam públicos, como metrô ou ônibus, seja privados, como automóvel ou aplicativos de corrida.

Elvir (2017), ao pesquisar a mobilidade urbana das mulheres da comunidade do Coque em Recife, analisa a mobilidade urbana como uma faceta que o espaço urbano pode ser considerado como violento, já que dificulta acesso ao lazer, serviços e trabalho. Se juntarmos essa compreensão da mobilidade urbana com a apresentada no início do tópico sobre como a própria distribuição geográfica da cidade expõe a segregação de determinados grupos, entre eles a população negra e pobre, podemos ponderar quais efeitos da segregação espacial e mobilidade urbana para as pessoas negras pobres.

Residir em bairros afastados e depender do transporte urbano pode acarretar dificuldade em procurar acompanhamento psicológico. Caso consiga, terá ainda que negociar o valor dos atendimentos, já que o proposto pelo CRP não é factível para as pessoas de baixa renda. Como resultado possível, as condições de saúde das pessoas que vivem em bairros periféricos são pouco cuidadas.

7.8 DECORAÇÃO DO CONSULTÓRIO E CIRCULAÇÃO NOS ESPAÇOS

A decoração do consultório, não apenas a sua localização, também foi tema das entrevistas. As perguntas que conduziram o interesse pelo aspecto do espaço físico do consultório foram:

Me fala um pouco como foi a montagem dessa sala, o que te preocupou na decoração?

Qual a mensagem que você gostaria que a decoração passasse para sua clientela?

O que você acha que os pacientes pensam dessa sala? Alguém já comentou algo sobre ela?

Se você estivesse diante uma psicóloga ou psicólogo que quer montar um consultório, qual o tipo de orientação/dica você daria para ela/ele?

A segunda psicóloga entrevistada pontuou alguns aspectos do consultório que reverberam na relação com quem procura o acompanhamento e no próprio trabalho clínico.

Tu acha que a decoração da sala passa alguma mensagem?

Psi.2: Acho que sim...eu acho que...eu já pensei mais sobre isso, mas eu acho que a ideia é que **a mensagem seja sempre neutra né...** pelo menos assim no meu entendimento...

Psi.2: Do meu ponto de vista assim é...profissional, eu gosto da ideia da neutralidade, mas na neutralidade no sentido do espaço, não é neutralidade no sentido é...político da clínica, né...da intervenção. Mas assim o espaço eu acho que seja interessante ser neutro...que o paciente não perca...como é que eu posso dizer assim...o fio da meada, né...que é o foco é nele mesmo...**eu gosto da ideia que o espaço seja acolhedor, mas ao mesmo tempo não chamativo. Acho que também porque eu sou assim, né, espaço acaba sendo uma extensão também né.**

O que tu acha que os pacientes pensam dessa sala assim, já comentaram algo sobre ela?

Psi.2: Então, eles comentam muito sobre...que acha...acolhedor. Alguns já falaram isso...poxa que espaço bonito...tranquilo e aí isso pra mim é ótimo, é exatamente a ideia pra passar é isso, né. **O espaço que você sinta acolhido, que você se sinta confortável pra falar.**

É, se tu tivesse diante de algum psicólogo que tivesse para montar um consultório, qual tipo de orientação tu daria?

Psi.2: Querer montar um espaço?

É.

Psi.2: No simples...no simples assim sabe. Fosse da Psicanálise, se não quiser ter um divã, nem tenha...nunca tive um divã na minha vida, não vejo sentido em ter, né. Então assim focar no simples, **porque o foco não é o espaço, o foco é o trabalho que você vai ofertar no espaço...então assim por mais que seja um espaço que lhe proporcione dá uma escutar boa,** ou seja, um lugar silencioso, um lugar tranquilo, um local que seja um localização boa pra você e pro paciente e eu acho que quando você quer muito, tá precisando muito de paciente, você se coloca no lugar de tipo 'eu vou fazer o que tiver de ser feito para o paciente vim' e às vezes você pega um lugar que não é legal pra você, sabe...então assim sempre tá pensando...é bom pra você e é bom pra ele...então é focar no...no simples, no confortável e no que vai proporcionar a você fazer um bom trabalho, que você esteja

tranquilo, que ninguém fique batendo, que não seja...isso desconcentra demais...eu acho que no geral.

A reflexão da psicóloga aborda algumas aproximações entre o espaço, a sua relevância para o trabalho clínico, para si e para o paciente. No início da resposta, diferencia os sentidos possíveis para a palavra ‘neutralidade’. Reconhece que a intervenção no consultório possui um caráter político e, por isso, não deve ser compreendida como neutra de implicações políticas.

Prossegue caracterizando a neutralidade do consultório como necessária para que a paciente não se distraia de um dos objetivos da prática clínica: falar sobre si. Dessa forma, a decoração deveria ajudar no trabalho, tanto de quem atende como de quem é atendido. Acrescenta ainda dois adjetivos: tranquilo e simples. Tranquilo mais em relação ao ofício de escutar e simples, já que o espaço deveria não ter muito destaque no trabalho.

Franco (2020) relata como a localização e o mobiliário do seu consultório são elementos acometidos pelos ideais da branquitude. Especificamente sobre a decoração, relembrou uma situação ocorrida em seu próprio consultório em que a paciente, ao narrar situações em que sentia raiva nas interações com pessoas brancas ditas intelectualizadas, aponta para um quadro do consultório e associa o objeto de decoração às suas impressões sobre as pessoas brancas com quem convive devido a sua posição econômica.

Dessa situação, o autor analisa como a branquitude se faz presente no seu local de trabalho. Mesmo com o esforço de manter o espaço acolhedor e propício para a clínica, ele não está isento de ser percebido de acordo com a compreensão e história de vida das pessoas que lá chegam. Com isso, talvez seja interessante refletir sobre os aspectos simbólicos da decoração como elementos que podem desencadear reflexões sobre o ato clínico.

No caso específico do artigo citado, a paciente experienciou o sentimento de raiva que tem ressonância com a sua forma de lidar com determinadas situações de sua vida. A sua subjetividade incidiu na percepção do ambiente e o psicólogo que escreveu o artigo, além de ter que continuar com a análise considerando o que foi dito sobre a decoração, conseguiu tecer ponderações pertinentes para o campo psicanalítico. Assim, talvez seja importante compreender como o racismo enquanto ideologia e estrutura podem, mesmo não sendo o tema

principal da fala da paciente, estar presente tanto na expressão do sentimento como na percepção de objetos de decoração.

A quinta psicóloga, quando perguntada sobre os conselhos que achava importante dar para quem quer começar a atender no consultório, divide a resposta em quatro categorias de acordo com a raça e renda.

Vamo fazer os quatro conselhos metafóricos...para uma pessoa branca com dinheiro como é?

Psi.5: Investe e começa. Ri.

Ri. E uma que fosse branca e pobre, não tivesse dinheiro?

Psi.5: É tipo...vai lá, subloca uma sala, dá um jeito de conseguir uma grana por fora porque no começo, né...não dá...é...vai vender biscoito, vai fazer bolo, sei lá, né...e confia também, vai lá, faz...daqui a pouco dá certo.

É...uma pessoa negra e com dinheiro?

Psi.5: Vai investe, né, faz um consultório massa, maravilhoso e fique ligado no racismo porque você vai sofrer mesmo estando no lugar de suposto saber...

Humrum.

Psi.5:...sabe tipo de é...de que vai chegar uma galera lhe desconsiderando, então força né porque...

E uma pessoa negra sem dinheiro?

Psi.5: Vixe...áí...difícil, velho...é um pouco a coisa do tipo vai, dá um jeito de conseguir a grana, faz o teu corre acontecer, subloca uma sala tudo, se liga no que você tivesse dinheiro iria inevitavelmente acontecer e talvez a persistência, né, pra ter uma...uma clínica cheia tenha um tempo estruturalmente racista um pouco maior sabe...

Humrum.

Psi.5: De conseguir é...sei lá...é...de conseguir que as pessoas lhe dêem moral, porque a galera tá o tempo todo querendo tirar a moral de quem é negro, o tempo inteiro então tipo, se você vai ver nas instituições de Psicanálise, quem é negro lá? Agora que começa a ter ações afirmativas na Jornada de Psicanálise e olhe lá em uma ou outra instituição então tipo até pra criar essa aldeia, até pra poder entrar nesse grupo de estudo, porque seria a diferença de uma pessoa negra rica de uma pessoa negra que não tem grana, ela teria grana pra pagar o grupo de estudo que custa quinhentos reais por semestre...

A escolha por dividir os conselhos de acordo com a raça e a renda coloca em relevo que as formas de existência das pessoas brancas e negras têm diferenças, mesmo se tiverem a

mesma condição socioeconômica. As pessoas brancas pobres não sofrem discriminação e/ou julgamento cujo fundamento é a raça. Embora a renda seja importante para manter um trabalho autônomo, existem diferenças entre pessoas brancas e pessoas negras pobres devido ao racismo.

Pessoas negras que ascendem economicamente precisam manter vigilância para não serem vítimas de discriminação racial. A psicóloga ilustra como as vivências das pessoas negras, independente da renda, são similares quando utiliza o advérbio ‘inevitavelmente’. Figueiredo (2004) corrobora com o argumento apresentado pela psicóloga ao observar como pessoas negras da classe média continuam sofrendo com ‘equivocos’ baseados na cor da pele.

A agenda antirracista na Psicologia deveria somar esforços para que o inevitável não aconteça. Muitas frentes de atuação devem ser planejadas em diversos espaços. A Universidade, local de formação e produção de conhecimento, também precisa se debruçar nos meandros do racismo tanto no espaço acadêmico quanto nos outros lugares onde profissionais da área trabalham. Dessa forma, o racismo deveria ser um tema de todas as pessoas que fazem a Psicologia a fim de, entre outras coisas, evitar equivocos experienciados pelas pessoas negras.

Ainda a quarta psicóloga relatou uma situação em que se pode perceber a importância de ampliar o debate do racismo na área da Psicologia.

Psi.5:...um abismo mesmo...quem chega, quem chega no Espinheiro, né? É...o lugar físico...o lugar...esse lugar aqui eu acho que ele não...não sei...não sei se ele influenciaria de alguma forma, de alguma maneira isso, tipo consultório mesmo, né...é...acho que é isso, acho que o lugar físico, o bairro, já...e eu fico pensando ‘será que...’ me preocupa ‘será que um paciente meu negro vai sofrer algum tipo de racismo na galeria por outros profissionais que talvez não tenham letramento’...o bairro...de sei lá...algum constrangimento na rua, não sei, eu me preocupo com isso, né, já teve um caso de uma paciente negra que chegou...o interfone às vezes não pega direito...

Humrum.

Psi.5:...e aí eu tenho que descer, sendo que aí eu tava atendendo e não podia descer naquela hora e ela pediu pra alguém que tava lá embaixo pra abrir pra ela e a pessoa não abriu e aí ela chegou aqui muito mal...é...entendendo aquela situação como uma situação racista, eu fiquei muito mal também, porque, porra, foi foda

A ida ao consultório talvez possa não ser isenta de situações em que o racismo se faz presente. Ao relatar uma situação ordinária, abrir a porta para a paciente entrar, esta entendeu como uma situação racista, muito provavelmente por já ter experienciado outras dificuldades em acessar espaços devido a sua condição de negra. Mesmo o seu esforço em cuidar de si não impede as dinâmicas potencialmente racistas que influenciam na forma como lida com as situações e no teor do que será dito ou não no consultório. A preocupação da psicóloga com o tratamento das outras pessoas que circulam no local onde mantém o consultório talvez seja indicativo que não é suficiente o conhecimento acerca dos aspectos subjetivos que o racismo imprime nas pessoas negras, mas também é necessário modificar os espaços a fim de que as pessoas negras estejam confortáveis em pedir ajuda para entrar e circular pelos lugares e serem ajudadas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho da dissertação teve como ideia estudar o racismo, enquanto fenômeno que atinge todas as pessoas, não apenas aquelas que trazem consigo a marca de negritude. O trabalho da dissertação foi apenas possível porque na Universidade são esperadas discussões, análises e reflexões sobre a vida em paralelo com formação profissional.

Essas são ideias gerais. Cada Programa de Pós-Graduação (PPG) e cada pesquisador/a irá desenvolvê-las de acordo com o que julgar relevante. No processo seletivo do PPG de Psicologia de 2020, as cotas reservadas para pretos e pardos foi instituída. Na ficha de inscrição, havia a opção para a ‘reserva de cota para negros/as’. Eu marquei ‘sim’ nela.

Ao final do processo seletivo, algumas vagas foram destinadas às cotas. A vaga que tornou viável o meu ingresso no mestrado faz parte dessas. Com todas as letras: eu passei no mestrado devido às cotas. Daí em diante, vivi e sofri muito, mas fui escrevendo, lendo, conversando, permanecendo em silêncio. De alguma forma, fui tomando para mim tudo o que fazia no mestrado e pensando em quem eu era. Não sei a resposta.

Quando estou com pessoas que gosto e parecem gostar da minha companhia, acho que sou uma pessoa atenciosa, interessada em escutar, com medo de me expressar e perder algo que não sei muito bem ou que rememora uma parte da minha vida difícil de lembrar e falar. Com as demais pessoas, sei menos ainda, parece não haver maneira de ser quando não sinto que posso estar em companhia. O pior de tudo é que em ambas as situações eu me perco, tornando ainda mais difícil saber quem sou. De alguma forma, o ingresso no mestrado via política de ação afirmativa tornou as raízes de determinadas atitudes mais fáceis de serem alcançadas. Delas, tento entender quem eu posso ser.

O mestrado, porém, exigiu de mim uma atenção especial a episódios que prefiro esquecer ou, no máximo, expor apenas em terapia. Não por acaso, a ideia da pesquisa parte de uma sensação vivida em situações que não gosto de lembrar, mas digo sobre elas no espaço em que pesquisei: o consultório psicológico. Agora, parece que o mestrado criou outras situações que precisam ser cuidadas na terapia.

Assim como foi arriscado propor a pesquisa com pessoas brancas para falar e ouvir sobre racismo, foi arriscado fazer o mestrado, especificamente o que se refere à por em

palavras tantos pensamentos existentes em mim há tanto tempo. Se mudei com o mestrado, tenho que devolver à Universidade algumas considerações do trabalho realizado.

Além da Universidade, a devolutiva para as pessoas que participaram das entrevistas é fundamental. Tornar uma parte da pesquisa o momento em que posso apresentar quais caminhos de análise percorri faz jus à ideia de que a troca entre as pessoas pode garantir uma produção de conhecimento útil à sociedade e às instituições de ensino. Planejo propor uma conversa em que compartilhe as reflexões derivadas das análises e discussões e, caso seja da vontade de quem participou, encaminhar a dissertação

Não considero ser possível apresentar algum tipo de conclusão do trabalho de dissertação. Aqui, indico apenas alguns alcances reflexivos da análise com vistas a tentar atingir os objetivos propostos. O objetivo geral da dissertação foi compreender a dinâmica do racismo que exerce influência na imagem profissional e no consultório psicológico. Da imagem, notei como a interação com as pacientes pode ser prejudicada devido ao racismo, já que algumas pessoas negras podem não se sentir à vontade com profissionais brancas. A percepção do possível incômodo se dá a partir tanto da compreensão do racismo estrutural quanto da hierarquização das raças que alça a raça branca como superiora. Outro ponto importante foi a ausência da negação do racismo enquanto elemento presente na interação com as pacientes. Desse modo, o racismo não foi denegado, porém as explicações da sua importância ainda carecem de concretude, no sentido de esmiuçar as formas da sua incidência.

Os marcadores de classe, gênero, sexualidade e território incidiram sobremaneira nas entrevistas. Por isso, acredito ser pertinente pesquisar a respeito do consultório psicológico que versam sobre eles separadamente ou de maneira a interseccioná-los. A coesão das respostas relacionadas a imagem profissional também foi um aspecto que merece destaque. A ausência de coesão delas talvez possam indicar que o sentido possível de interpretação da imagem profissional esteja também na cena do trabalho clínico, sendo necessária pensar em formas de tornar possível que a paciente expresse sua opinião a respeito da imagem a fim de tentar compreender se ela transmite ou não ideias racistas.

Características corpóreas marcam a negritude, mas também imprimem nas pessoas brancas possíveis sinais de superioridade baseada na hierarquia das raças que o racismo organiza. Pessoas brancas podem se beneficiar de alguma forma e, com isso, perpetuar hierarquizações na prática profissional. A agenda antirracista na Psicologia poderia incluir os

debates tanto a respeito dos espaços em que as práticas profissionais são desenvolvidas quanto em como diversificar as imagens das pessoas que praticam ofício psicológico.

Uma reflexão ainda frágil refere-se a minha sensação em alguns momentos durante o mestrado em que percebia certa similaridade nas dinâmicas da Universidade com as da instituição para adolescentes em conflito com a lei. Em nenhum dos dois espaços consigo explicar de maneira satisfatória de que forma o racismo se mantém e se propaga nos dois lugares. Talvez outras investigações sobre como o racismo se faz presente possam construir explicações substanciais.

É certo que um elemento importante para a dissertação foram as minhas sensações ao longo do percurso no mestrado. A entrada de pessoas negras nos espaços pode indicar mudanças ou permanências no racismo. Nas universidades enquanto estudantes, professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras indicam uma mudança. Mudar a Universidade por dentro, ao garantir o ingresso e a permanência das pessoas negras via políticas de ações afirmativas, é também fazer com que as pessoas negras e brancas possam modificar suas sensações.

A interação entre pessoas de diferentes raças no meio acadêmico pode fazer com que a Universidade se torne plural, criativa. Pode também fazer com que construa saberes e/ou se debruce sobre os problemas onde o racismo se faz permanente, como nas instituições em conflito com a lei. Acreditar nisso me ajudou a fazer esse trabalho. Acreditar é se por em movimento. Para trabalhar, para pesquisar e para por em fluxo as sensações. Continuo me movendo e acreditando.

9 REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, K. G.; RODRIGUES, M. B. Racialização, subjetividades, arte e estética: um estudo de caso a partir da formação em psicologia. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 20, n.44, p. 112 -137, set./dez. 2019.
- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.
- ALVES, R. B. C.; LIRA, L. C. E. Teoria Social do discurso e evolução da análise de discurso crítica. *In*: JR, J. R. L. B.; SATO, D.T. B.; MELO Iran Ferreira de (org.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 104-123
- BARROS, J. L de. Racismo ambiental e direito ao lazer no espaço público: um estudo sobre o Parque Santana Ariano Suassuna. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 167p. 2019
- BESSA, D.; SATO, D. T. B. Categorias de Análise. *In*: JR, José Ribamar Lopes Batista; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO Iran Ferreira de (org.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 124-157.
- CAMPOS, L. Racismo em três dimensões: Uma abordagem realista-crítica. **Rev. bras. Ci. Soc**, v 32, p. 1-19, 2017.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ) (org). **Manual para incidência da temática do tráfico de drogas como uma das piores formas de trabalho infantil**, Brasília. 2021.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP) (org). **Relações raciais – referências técnicas para a atuação de psicólogos/os**. Brasília, 2017.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP) (org). **Quem faz a psicologia brasileira? : um olhar sobre o presente para construir o futuro : formação e inserção no mundo do trabalho : volume I : formação e inserção no mundo do trabalho**. Brasília, 2022
- _____. **Quem faz a psicologia brasileira?: um olhar sobre o presente para construir o futuro : formação e inserção no mundo do trabalho : volume I : formação e inserção no mundo do trabalho**. Brasília, 2022

COSTA, J. F. Transgressão e Criatividade. In: **Transgressões**. Rio de Janeiro: Editora Contracapa livraria, 2002, p.35-42.

DIAS, J. F. **Analistas de discurso e sua prática teórica e metodológica**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 12 n.2, p. 213-246, 2011.

ELVIRI, M. A. M. **Mulher e mobilidade urbana, uma perspectiva de classe: retratos da mobilidade de mulheres do Coque, Recife**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 141p. 2017

FAIRCLOUGH, N.; MELO, I. F. de. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D'Água**, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728> . Acesso em 25 mai. 2022.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016, 338p

FAVERO, S. (Des)epistemologizar a clínica: o reconhecimento de uma ciência guiada pelo pensamento cisgênero. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 13, p. 403-418, 2020. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7272>. Acesso em 20 jun. 2021.

NETO, J. L. F. Uma genealogia da formação do psicólogo brasileiro. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 18, p. 130–142, 2010. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6645>. Acesso em: 13 jul. 2024.

FIGUEIREDO, A. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. **Cadernos Pagu**, n. 23, p. 199-228, 2004.

FRANCO, W. A branquitude na práxis clínica de um homem branco. **Boletim Formação em Psicanálise**, v.28, 2020. Disponível em: <http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/boletim-formacao-2020-v28-9.pdf> Acesso em 10 nov. 2021

GUIMARÃES, A. S. A. Depois da democracia racial . **Tempo Social**, v. 18, n. 2, p. 269-287, 2006. DOI: 10.1590/S0103-20702006000200014. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12525>. Acesso em: 04 mai. 2022

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afrolatinoamericano**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

JESUS, V. de; PENHA, S. R. da. O discurso do lixo: uma análise psicanalítica e sociopolítica dos mecanismos simbólicos do racismo brasileiro. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 16, n. Edição Especial, 2023. Disponível em:

<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1574>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MACEDO, D. S.; V., J. A. Conceitos-chaves em análise de discurso crítica. *In*: JR, José Ribamar Lopes Batista; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO Iran Ferreira de (org.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 48 – 77.

MAGALHÃES, I. Análise de Discurso Crítica: questões e perspectivas para a América Latina. *In*: RESENDE, Viviane de Melo; PEREIRA, Fábio Henrique. (Orgs) **Práticas Socioculturais e discurso**. Debates transdisciplinares. [S.I]: LabCom, 2010, p. 09-28

MELO, I. F. de. Análise Crítica do Discurso: modelo de análise linguística e intervenção social. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 40, n. 3, p. 1335–1346, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1257>. Acesso em: 5 jul. 2023.

_____. Histórico da análise de discurso crítica. *In*: JR, José Ribamar Lopes Batista; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO Iran Ferreira de (org.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 20 - 35

MINAYO, M. C. S. Contradições e consensos na combinação de métodos quantitativos e qualitativos. *In*: **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. – 14. Ed. – São Paulo: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, A. do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 3º ed. – São Paulo: Perspectivas, 2016. 232 p.

NEVES, S.; NOGUEIRA, C. Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 408–412, set. 2005.

NOVO, M. F. Lélia Gonzalez: intérprete da formação social do Brasil. **Discurso**, v. 53, n.1, 74–97, 2023. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2023.213914>

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Convenção n. 182 Convenção sobre Proibição das Piores Formas de Trabalho Infantil e Ação Imediata para sua Eliminação**. Brasília: OIT, 2020.

PEREIRA, F. M.; PEREIRA NETO, A.. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. 2, p. 19–27, jul. 2003.

RESENDE, V.M. de. **Análise do Discurso Crítica e Etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil**. 2008. 332 f. Tese(Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SANTOS, A. O. dos; SCHUCMAN, L. V.; MARTINS, H. V. Breve Histórico do Pensamento Psicológico Brasileiro sobre Relações Étnico-Raciais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2012, v. 32 (num. esp.), 166-175. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TtJZrnNBHT88ShMQTLt5wYg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 27 abr. 2021

SEGUNDO, P. R. G. Discurso e Prática Social. In: BATISTA JR., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de. **Análise Crítica do Discurso para linguistas e não linguistas**. Parábola, 2018, p.78-103

SCHUCMAN, L. V.; COSTA, E. S.; CARDOSO, L. Quando a identidade racial do pesquisador deve ser considerada: paridade e assimetria racial. **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, p. 15-29, 2012

SCHUCMAN, L. V. **Entre o ‘encardido’, o ‘branco’ e o ‘branquíssimo’: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012154521/publico/schucman_corrigida.pdf Acesso em 21 mar. 2022

_____. Sim, nós somos racistas: Estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, v.26, p.83-94, 2014. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZFbbkSv735mbMC5HHCsG3sF/?lang=pt> Acesso em 27 abr. 2021

SOARES, M. K.; MACIEL, N. C. A. **A Questão racial nos processos criminais por tráfico de drogas dos tribunais estaduais de justiça comum: uma análise exploratória**. Brasília, DF: Ipea,out. 2023. (Diest : Nota Técnica, 61).

SZPACENKOPF, M. I. O. **Um espaço para a instituição e para a Transgressão. IN: Transgressões**. Rio de Janeiro: Editora Contracapa livraria, 2002, p.35-42.

TAVARES, R. C. DE L.; RESENDE, V. DE M. DA NECESSÁRIA COERÊNCIA ENTRE ONTOLOGIA, EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA. **Revista DisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem**, n. 13, 2021.

VINUTO, J. Contribuições de Lélia Gonzalez aos estudos sociológicos sobre controle social e punição no Brasil. **Civitas**, v. 22, p. e40428-11, 2022.

VINUTO, J. **“O outro lado da moeda”**: O trabalho de agentes socioeducativos no estado do Rio de Janeiro, 2009, Rio de Janeiro, 299 f. Tese (Doutorado de Sociologia) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009

WERNECK, J. **O samba segundo as Ialodês: mulheres negras e a cultura midiática**. 2007, Rio de Janeiro. 297f. Tese (Doutorado em Comunicação) Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE
E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18
ANOS OU EMANCIPADOS)****Universidade Federal de Pernambuco****Centro de Filosofia e Ciências Humanas****Programa de Pós-Graduação em Psicologia****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE
E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18
ANOS OU EMANCIPADOS)**

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa *Notas negras sobre práticas esbranquiçadas: análise crítica do discurso sobre o racismo no consultório psicológico*, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Nayana Pedrosa de Azevedo Almeida, domiciliada na rua Rodrigues Ferreira, nº 45, Bloco B, aptº 203, Várzea. Recife - PE. Fone: 81.991975963, email: nayana.almeida@ufpe.br.

Está sob a orientação da professora Jaileila de Araujo Menezes, Telefone: 21268323, e mail jaileila.santos@ufpe.br

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assinie ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

➤ **Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação:** A pesquisa tem como objetivo compreender a dinâmica do racismo que opera na construção da imagem profissional e do consultório de psicólogas/os brancas/os. Para isso, pretende entrevistar profissionais que atendem presencialmente na cidade de Recife e divulguem o seu trabalho na rede social instagram. A entrevista será realizada no consultório psicológico de maneira presencial e individual. Estima-se que a duração da entrevista seja de até uma hora.

➤ **RISCOS:** O principal risco que suponho a pesquisar proporcionar a quem dela participa é o desconforto em falar sobre o racismo e suas

implicações no exercício profissional. Dada a forma como o racismo foi instaurado no país, ainda resiste um temor em considerar tanto a influência da escravidão na sociedade como os impactos que o racismo à brasileira afeta as diversas áreas profissionais. Para manejar os riscos próprios dos objetivos de uma pesquisa sobre o racismo, entendo serem necessárias uma postura empática com os participantes e uma linguagem cristalina com eles. A recusa em participar poderá ocorrer a qualquer momento da interação e isso será informado antes da entrevista. Além disso, se notar algum desconforto em responder as perguntas, irei informar da minha percepção e, a partir da devolutiva do participante, irei propor formas de amenizar ou dissipar o desconforto.

➤ **BENEFÍCIOS diretos/indiretos** para os voluntários: O benefício da pesquisa para os participantes é poder contribuir com a compreensão do fenômeno investigado e, com isso, ajudar na identificação e enfrentamento do racismo. Sem a solidariedade dos participantes, torna-se inviável alcançar os objetivos da pesquisa, já que é a partir do material construído a partir das entrevistas que o avanço do conhecimento científico é possível, além de contribuir para a Psicologia enquanto profissão.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa por meio de gravações das entrevistas, ficarão armazenados em um HD externo, sob a responsabilidade da pesquisadora responsável Nayana Pedrosa de Azevedo Almeida, no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**

(assinatura da pesquisadora)

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA
COMO VOLUNTÁRIO (A)**

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo *Notas negras sobre práticas esbranquiçadas: análise crítica do discurso sobre o racismo no consultório psicológico*,

como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Recife, _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Roteiro de Entrevista

Apresentação

Como surgiu seu interesse pela clínica?

Teve outras experiências clínicas fora do consultório?

E quando surgiu o desejo ou a oportunidade de atender em consultório?

O que está achando dessa experiência?

Moldando o Instagram

Como surgiu a ideia de criar uma conta profissional no Instagram?

Como você escolhe os assuntos que vai postar no Instagram?

Qual imagem você gostaria que o Instagram passasse para a sua clientela?

O que seria um Instagram com cara de Psicologia para você?

E como foi para construir essa imagem e mensagem, contou com a ajuda de algum profissional?

Espacialidade – Território

Quando você resolveu que atenderia em consultório, qual a primeira preocupação que teve?

O que foi importante para que você escolhesse atender neste consultório?

O que tu achas desse bairro onde o consultório está situado? Quais as vantagens dele? E quais as desvantagens? Quais vantagens e desvantagens do atendimento em consultório?

Se tivesse a oportunidade de escolher outro bairro para ter um consultório, qual seria? E por quê?

Me fala um pouco como foi a montagem dessa sala, o que te preocupou na decoração?

Qual a mensagem que você gostaria que a decoração passasse para sua clientela?

Acha que atingiu esse objetivo?

Se tivesse que mudar algo, seria o que?

O que você acha que os pacientes pensam dessa sala? Alguém já comentou algo sobre ela?

Se você estivesse diante uma psicóloga ou psicólogo que quer montar um consultório, qual o tipo de orientação/dica você daria para ela/ele?

Bom, digamos que seu candidato a cliente te “encontrou” no Instagram e chega para a primeira consulta, o que você considera importante nesse primeiro contato?

Imagem profissional

E em termos da sua aparência, algo te chega como preocupação?

Como você se apresenta no Instagram e no consultório? Em termos de qual imagem você se preocupa em passar? Se encontram pessoalmente, já chegou a observar algum impacto/expectativa a sua imagem física que mudou no contato presencial?

Lembra de alguma situação inusitada/engraçada com relação a imagem da rede social e a imagem “ao vivo e a cores”?

Você considera que há aspectos na sua aparência física que facilitam a interação com seu cliente?

Já passou por alguma situação em que você percebeu que algo na tua aparência física dificultou a interação? O que seria?

Clientela

E sobre a clientela que te procura, como você a define?

em termos de renda?

Qual a faixa etária predominante nos teus atendimentos?

E identidade de gênero?

Quanto a raça, como você define a maioria dos clientes?

Como é a circulação dos pacientes? (empresarial, casa, bairro)

Relações raciais e racismo

Com relação à raça, como você se autodeclara?

Considera que seu pertencimento racial influencia na atração de clientela?

Considera que o seu pertencimento racial influencia na sua profissão?

Você acha que o racismo está presente no consultório e na imagem profissional?

Quando eu comecei a pensar em atender no consultório, uma das minhas maiores preocupações era com o meu cabelo e o que os pacientes iam pensar dele. Essa foi uma das justificativas para fazer a pesquisa do mestrado. Pensando a clínica feita no consultório um dos ramos mais difundidos da Psicologia e os elementos que a envolvem como localização, decoração, imagem profissional, como tu acha que esses elementos podem ser afetados pelo racismo?